

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

Mayara Amaral Pazeto

O ESPÍRITO E A ESPOSA DIZEM: VEM!
A figura da Esposa como resposta profética à unidade da Igreja

BACHARELADO EM TEOLOGIA

**SÃO PAULO
2023**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

Mayara Amaral Pazeto

**O ESPÍRITO E A ESPOSA DIZEM: VEM!
A figura da Esposa como resposta profética à unidade da Igreja**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Me. Pe. Dayvid Silva.

**SÃO PAULO
2023**

Mayara Amaral Pazeto

O ESPÍRITO E A ESPOSA DIZEM: VEM!

A figura da esposa como resposta profética à unidade da igreja

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de BACHAREL em Teologia, sob a orientação do Prof. Me. Pe. Dayvid Silva.

Aprovado: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Pe. Dayvid Silva– Orientador

A todos os irmãos que creem na unidade do Corpo de Cristo e buscam responder a oração de Jesus: “Que todos sejam um, para que o mundo creia” (Jo 17.21).

AGRADECIMENTOS

Ao Deus que é Pai, Filho e Espírito, que transbordou amorosamente sobre toda criação, possibilitando-nos experimentar do seu amoroso mistério trinitário, ao nos tornar participantes do Seu projeto. Ao processo doloroso e lento em que o Eterno me colocou, a fim de que eu discernisse melhor Sua vontade. Sem ele, seria impossível eu ter concluído este trabalho na perspectiva correta e aprazível.

O Senhor, muitas vezes, em sua multiforme sabedoria, coloca-nos em situações atípicas, prova nossa fé, para que nossa teologia não seja um acúmulo de ideias e saberes, mas uma realidade encarnada no íntimo do coração. O que apresento neste trabalho não é apenas uma reflexão, mas a única resposta possível que encontrei nesse processo, e que se tornou também a única possibilidade de permanecer firme diante dos olhos do Amado nos últimos anos.

Fazer teologia é isso: emprestar a própria vida para refletir na carne o Deus que age na história humana e sobre ela tem todo domínio. É permitir-se sentir e experienciar toda e qualquer palavra que possamos emitir acerca dEle. Agradeço porque nesse período recebi um coração ferido, motivo de graça, pois o Amado também foi ferido na cruz e essa é a certeza da esperança de ressurreição. Nossa fé possui dor, mas não se finda nela. Aqueles que aceitam a ferida, se tornam coparticipantes em suas aflições, de igual modo, em sua ressurreição. Bendito seja àquele que nos cura, mas também nos fere, porque a ferida [Cruz] é o único caminho da cura [Ressurreição].

Agradeço aos irmãos na fé que passaram em minha vida durante toda essa caminhada, sendo fonte amorosa de Deus. De modo especial, aos irmãos da minha Igreja, Comunidade Cristã de Jundiaí, e aos pastores que sempre me ajudaram no meu processo de discernimento. Também, a todos os irmãos que conheci na Missão Somos Um, uma plataforma de diálogo que trabalha para a unidade dos cristãos, e a Comunidade Coração Novo que, com seu carisma, tem se deixado tornar testemunho de reconciliação.

Aos amigos queridos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por cada aprendizado, cada risada. Pela comunhão e partilha na vivência da aliança. Por tudo o que me ensinaram e por se tornarem sinal visível da graça invisível. Aos professores que com seus ensinamentos me ajudaram a fazer a passagem da

menina cheia de entusiasmo no Amado, para a construção de passos firmes de uma mulher na fé. Obrigada por contribuírem no meu amadurecimento.

Agradeço ao diretor da faculdade, Prof. Dr. Pe. Boris Augustín Neff Ulloa, por toda paciência com essa cristã evangélica e por todo ensino. Por me fazer amar ainda mais a Sagrada Escritura e por deixar-se ser fonte de graça do Espírito. Ao Prof. Dr. Pe. Cícero Alves de França, pelas aulas maravilhosas de espiritualidade que causavam aquele bom incômodo. Ao Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo, por me fazer deleitar na teologia joanina com doçura.

Aos funcionários da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que me aturavam pelas tardes na faculdade, sempre com boas histórias para contar. Por muitas vezes fui profundamente visitada pelo Senhor ali. De modo especial, à Rita Miagui, aquela que sabe tudo o que acontece na faculdade e normalmente tem todas as respostas. À Adriana Eri, que te ajuda em áreas que você nem sabia que precisava de ajuda (é uma coisa impressionante). À Regiane, uma irmã que muito me ajudou nas partilhas diárias, suas histórias animaram minha fé em muitos momentos. Sentada na copa da faculdade, essa mulher exalava fidelidade à aliança com o Senhor.

Por fim, ao meu orientador Prof. Me. Pe. Dayvid Silva, porque no lugar dele, eu já teria desistido de mim. Graças porque ele não é como eu e sabe dar bons conselhos. Certa vez ele me disse: “Faz da sua vida, teologia”. Grande e temeroso conselho. Esse é sem dúvida, o maior desafio do teólogo: construir uma teologia fundamentada na palavra, cuja construção é a própria vida. A linha tênue entre o saber e o sentir a própria experiência, por vezes, se torna um abismo. A teologia nos permite analisar fatos, conhecer os contextos, dar respostas bíblicas e à luz da fé cristã, mas ela não nos obriga a encarnar o Cristo em cada gesto e palavra, a verdadeiramente deixar-se seduzir no Eterno.

Nas palavras do profeta Jeremias encontramos uma máxima para isso: “O Senhor me seduziu e eu me deixei seduzir, se tornou forte demais para mim e me dominou”. (Jr 20.7a). Que esse seja o lugar da teologia em minha vida: estar nos domínios do Senhor. Afinal de contas, no final, você vai perceber que fazer uma teologia da história é fácil. Difícil mesmo, é fazer da sua história, teologia. Grande e temeroso conselho que continua me afligir.

“A sociedade para a qual o cristão é chamado no batismo não é um coletivo, mas um Corpo”.

C.S. Lewis

RESUMO

A Esposa na escritura não se restringe a uma personagem específica, mas progressivamente revela ser necessária para o enredo bíblico. Escondida em muitas faces, mostra-se essencial para o desenvolvimento da narrativa amorosa construída no diálogo entre Deus e seu povo. Ela é símbolo da Aliança e imagem do conhecimento divino: o vínculo matrimonial é apresentado na escritura como relação entre Deus e Israel, absorvido por Cristo e a Igreja. Nessa construção amorosa, é o Espírito que se faz presente, configurando a Esposa em uma resposta profética, na medida em que ela se torna um só corpo, uma só carne: grande mistério da unidade.

Palavras chaves: Esposa, Espírito, unidade, profetismo, Igreja, Corpo de Cristo, uma só carne.

ABSTRACT

The Wife in scripture is not limited to a specific character, but progressively reveals herself to be necessary for the biblical plot. Hidden in many faces, she proves essential for the development of the love narrative built in the dialogue between God and His people. She is a symbol of the Covenant and an image of divine knowledge: the marital bond is presented in scripture as the relationship between God and Israel, absorbed by Christ and the Church. Within the building of this loving relationship and bond, it is the Spirit that is present, shaping the Wife into a prophetic response, as she becomes one body, one flesh: the great mystery of unity.

Keywords: Wife, Spirit, unity, prophetic movement, Church, Body of Christ, one flesh.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A ESPOSA NA BÍBLIA: EVA	14
1.1 A criação do homem	14
1.2 A criação da mulher	12
1.2.1 A obra engendrada de Adão	19
1.2.2 Uma só carne	20
1.3 Unidade	22
1.4 Desenredo	23
2. A ESPOSA NA BÍBLIA: ISRAEL.....	25
2.1 Os profetas veterotestamentários: Atuados pelo Espírito	26
2.1.2 Os profetas veterotestamentários: Não proclamam uma novidade	27
2.2 A Esposa como resposta profética	28
2.2.1 Oseias.....	29
2.2.1.2 Não meu povo.....	30
2.2.1.3 Porque ela não é minha esposa: o outro “marido”	30
2.2.1.4 Ama outra vez: o amor apaixonado do Esposo que perdoa	31
2.2.1.5 A solução: Conhecer o Deus da aliança	32
2.2.2 Isaías	33
2.2.3 Jeremias	34
2.2.4 Ezequiel	35
2.2.5 A linguagem presente: Deus usa sua ideia criativa	36
2.4 Cântico dos Cânticos	37
2.4.1 O eco de gênesis e a voz não ouvida	39
2.4.2 Beija-me com os beijos de tua boca: o Sopro do Espírito, na carne!.....	40

2.4.3 Deus <i>Absconditus</i> e <i>Revelatus</i> : Uma teofania no Tu.....	42
2.4.4 Casamento da alegoria e literalidade.....	42
3. A ESPOSA NA BÍBLIA: A IGREJA E A NOVA JERUSALÉM	45
3.1 Igreja.....	46
3.1.2 A obra engendrada de Maria	47
3.1.3 De <i>Ruah</i> para <i>Pneuma</i>	49
3.1.4 O primeiro sinal: o vinho do casamento.....	49
3.1.5 O casamento: outras referências neotestamentárias.....	51
3.1.6 A obra engendrada do novo Adão: “Grande é este mistério”.....	53
3.1.7 O Sopro divino: “carne da minha carne”	54
3.1.8 Uma só carne: A unidade da Igreja.....	55
3.2 Nova Jerusalém	56
3.2.1 “Vem, vou mostrar-te a Esposa, a mulher do cordeiro!”	58
3.2.2 Novos céus e nova terra: Um Éden expandido.....	59
3.3 O Espírito e a Esposa dizem: Vem!	61
CONCLUSÃO.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
Bíblia.....	64
Documentos.....	64
Livros	64
Dicionário.....	67
Revistas.....	67
Sites.....	67

INTRODUÇÃO

A revelação bíblica inicia com uma relação matrimonial e também conclui-se assim. A Esposa nasce na narrativa, dentro desta instituição divina. Sua primeira aparição acontece na face de Eva, mas é transformada progressivamente pelo Espírito, até se adornar em Nova Jerusalém. Nessa construção do diálogo amoroso de Deus com Seu povo, ela se incorpora na história de Israel e da Igreja. Ao lado do Espírito, termina sua aparição na escritura chamando os convidados escatológicos de todas as nações para as bodas do cordeiro.

Ela é símbolo da aliança e possibilidade do conhecimento divino. Neste sentido, muitas são as analogias apresentadas no texto bíblico, a fim de tornar compreensível a mensagem de Deus que está colocado em categorias que a linguagem humana é insuficiente para expressar. O humano, limitado, não consegue dar conta de abarcar todo o mistério divino que é fonte inesgotável. Por essa razão, o uso de imagens nos ajudam a entender o propósito de Deus, visto que, o homem só consegue falar deste, a partir da sua própria realidade e experiência. Assim, a figura da esposa torna-se essencial para falarmos do amor de Deus e conhecermos o seu amoroso mistério de salvação.

Na literatura veterotestamentária, a primeira referência do que compreenderemos por esposa está no livro de Gênesis, retratada na personagem Eva (Cf. Gn 2.18). Posteriormente, torna-se título dado ao povo de Israel na dinâmica da aliança fortemente anunciada pelos profetas (Cf. Os 1-3; Is 1.21; 62; Jr 2.2; 3.1-2; 14; 4.22; Ez 16; 23). No novo testamento é apresentada como imagem da Igreja (Cf. Ef 5. 31-32) retomando expressões que já apareceram no Gênesis e foram absorvidas na relação entre Cristo e sua Amada. Por fim, é também indicada como a Nova Jerusalém (Cf. Ap 21.2; 9-10; 22.17), o mundo novo aguardado, promessa de esperança, daqueles que respondem em obediência à aliança proposta por Deus que em toda a história chama o seu povo para uma íntima relação.

Este trabalho pretende traçar um caminho amoroso entre o Deus-Esposo e a personagem Esposa: Eva, Israel, Igreja, Nova Jerusalém. Refletir o significado dessa relação faz-nos compreender a dinâmica pactual e ajuda-nos a encontrar o rosto do povo de Deus nessa aliança, que é apresentada diversas vezes como um encontro conjugal. É um percurso de amor crescente, primeiro no Gênesis quando Deus expressa que não é bom estar só (cf. Gn 2.18), dando ao homem alguém para

experienciar essa realidade amorosa. Depois, nos desdobramentos da história de Israel, da Igreja e da nova ordem cósmica.

No primeiro capítulo busca-se apresentar a primeira esposa da escritura na personagem Eva, mostrando que em sua relação com Adão reside unidade. Ao responderem a ordenança de Deus manifestada em tornar-se uma só carne, o primeiro casal pôde experienciar, em parte, o mistério da comunhão trinitária. Contudo, essa comunhão amorosa foi interrompida pelo drama do pecado (divisão), mas isto não impossibilitou o agir de Deus que encontrou na aliança com Israel a possibilidade de não revogar Seu projeto.

O segundo capítulo segue-se em como Deus resolveu este drama da divisão na aliança de caráter nupcial com Israel, segunda personagem a receber o título de Esposa; fato evidenciado no anúncio profético. Mostra-se, como os profetas, por meio do Espírito proclamaram a aliança como um casamento, onde Deus é o Esposo e a Esposa é Israel.

Ainda neste capítulo, apresenta-se essa dinâmica absorvida no livro de Cântico dos Cânticos. O casal retratado na história, pode ser compreendido como uma alegoria do divino, sem se divorciar da literalidade da relação apresentada. A relação amorosa de Cânticos é uma centelha que aponta para amor infinito de Deus, uma vez que, não falamos acerca dEle de outra categoria, a não ser das relações humanas.

Por fim, o terceiro capítulo destaca como a relação de Cristo e a Igreja assumiu também essa linguagem. O povo de Deus diante da nova aliança é apresentado também em relação sponsal com Jesus. Essa relação segundo a literatura neotestamentária é um “grande mistério”, retomando o arquétipo apresentado no primeiro casal. Deste modo, torna-se possível compreender a dimensão de tornar-se uma só carne: o povo conquistado no sangue de Jesus, se tornou o Seu corpo em unidade.

No desdobramento, veremos que a Nova Jerusalém, cidade santa aguardada, incorpora-se também neste enredo amoroso. Ela é a última a receber o título de Esposa. Assim se encerra a revelação do texto sagrado, num casamento de convidados escatológicos que antecipam uma nova ordem cósmica, onde não haverá mais divisão e isto é uma profecia, proclama o Apocalipse.

CAPITULO I

1. A ESPOSA NA BÍBLIA: EVA

Os primeiros capítulos do livro de Gênesis apresentam o sentido da criação de Deus e o surgimento do homem e da mulher. Contudo, faz-se necessário concernir que Deus não possuía falta de nada, pelo contrário, vivia em perfeita harmonia na Trindade; ele não cria o homem por sentir-se sozinho ou para suprir alguma necessidade, já havia amor perfeito e comunhão por toda eternidade. Toda obra criada tem sentido pré-existente na relação do Pai, com o Filho e o Espírito.

Essa profunda e íntima relação transborda em amor, revelando que do mesmo modo que no interior da Trindade um está para o outro, o homem também é convidado a fazer a mesma experiência de comunhão, com o seu semelhante e com a própria comunhão trinitária. “O Deus da bíblia não é uma divindade abstrata afastada e sem interesse por sua criação. A bíblia é a história do envolvimento de Deus com sua criação e, particularmente, com as pessoas dentro dela”. (GRUDEM, 2019, p.183).

É nesta perspectiva que este primeiro capítulo apresenta a primeira Esposa da escritura e começa a traçar um caminho amoroso que será concluído no terceiro. A ideia criativa de Deus apresentada no Gênesis é possibilidade de inserir-se, em parte, no mistério do amor trinitário. Também, nos ajuda a compreender os desdobramentos da relação sponsal Deus-Esposo e Esposa-povo e a consumação da história que se dará na união definitiva de Deus com os homens.

1.1 A criação do homem

Dada introdução, vamos ao fato do primeiro relato da criação (Cf. Gn 1-2. 4a) apresentar a humanidade sendo criada de maneira especial: “*Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou*” (Cf. Gn 1.27). Essa afirmação é narrada em sequência de outra: o homem foi criado à imagem (*tselem*) e semelhança (*demût*)¹ do seu criador (cf. Gn 1. 26). De todas as

¹“Tanto a palavra hebraica para “imagem” (*tselem*) quanto a palavra hebraica para “semelhança” (*demût*) referem-se a algo parecido, mas não idêntico ao que representam, daquilo que são uma simples “imagem”. (Cf. GRUDEM, 2019, p. 279).

criaturas apresentadas, é a única vez que é dito tal coisa; o humano surge na história bíblica em uma dimensão amorosa superior:

A Bíblia ensina que cada ser humano é criado por amor, feito à imagem e semelhança de Deus (cf. *Gn 1, 26*). Esta afirmação mostra-nos a imensa dignidade de cada pessoa humana, que «não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas. (FRANCISCO, 2015, n.65).

Na sequência, o segundo relato (cf. *Gn 2.4bss*) deixa esse fato ainda mais evidente. O homem é diverso do restante, visto que, ele é o único a receber em suas narinas um “hálito de vida”, “fôlego”, numa ação excepcional de Deus: “*Então lahweh Deus modelou o homem com argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente*” (cf. *Gn 2.7*).

A palavra hebraica que designa essa ação é *Ruah*. O termo aparece cerca de 387 vezes no AT. Segundo Harris, Archer e Waltke, a *Ruah* é outorgada ao homem num ato especial. Para Cantalamessa, há indícios nesse trecho (Cf. *Gn 2.7*), de uma primeira e embrionária manifestação do Espírito Santo. Acerca do termo, ele também comenta:

Que significa *Ruach* em hebraico? Na origem, e na sua raiz, significa o espaço atmosférico entre o céu e a terra, o qual pode ser calmo ou agitado; um espaço aberto, como uma pradaria, onde mais facilmente se sente o soprar do vento; por extensão *Ruach* é o “espaço vital” no qual o homem se move e respira. Este significado primordial do termo deixou algumas marcas na teologia posterior do Espírito Santo. (CANTALAMESSA, 2014, p.28-29).

Ao folhearmos as páginas do AT, encontramos várias referências ao termo, mas segundo Cantalamessa, os dois significados fundamentais de *Ruah* que Deus se serviu para revelar a verdade inefável do Seu Espírito são, vento e respiração:

Ruach significa duas coisas estreitamente interligadas: o vento e a respiração. O mesmo se verifica no onomástico grego que lhe equivale, *Pneuma*, e no seu correlativo termo latino, *Spiritus*. O nosso termo Espírito conservou este parentesco originário com o vento e a respiração: *espírito* e *espírar* provêm da mesma raiz. (CANTALAMESSA, 2014, p. 29).

Sabemos que a literatura veterotestamentária não compreende o Espírito Santo como pessoa divina, porém, no desenvolvimento da história de Israel, até o encontro com a plenitude da revelação que se deu em Cristo, a tradição da Igreja interpretou e identificou a ação do Espírito como presente e atuante desde a origem

narrada pelo Gênesis. “O Espírito Santo também estava agindo na criação. Geralmente, ele é retratado como aquele que completa, preenche e dá vida à criação de Deus. (GRUDEM, 2019, p. 183).

Nesse sentido, ao longo da construção progressiva da revelação, vamos percebendo muitas imagens sendo apresentadas de maneira simbólica para referir-se à atividade do Espírito, como comenta Grudem:

Em várias passagens do Antigo Testamento é importante perceber que a mesma palavra hebraica (*rûach*) pode ter o significado, em diferentes contextos, de “espírito”, ou “vento”, mas em muitos casos não há diferença no significado porque, mesmo que alguém decidisse traduzir algumas expressões como “fôlego de Deus”, ou “vento de Deus”, ainda pareceria ser uma maneira simbólica de se referir à atividade do Espírito Santo na criação. (GRUDEM, 2019, p.183).

Cantalamessa argumenta que o Espírito que pairava sobre as águas em Gn1.2, por exemplo, possui tanta proximidade entre Espírito e vento, que os tradutores hesitam entre traduzir a expressão como “Espírito de Deus” ou como “vento de Deus”, de modo que, ao traduzirem o trecho, precisam escolher uma ou outra expressão para referenciá-lo.

Assim, dizer que o homem foi insuflado com o “hálito de vida”, com o “fôlego de Deus” ou ainda com o “vento de Deus”, é dizer que o humano é alguém que possui partículas do divino em sua existência, é referir-se à ação do Espírito na constituição humana. Na criação, a *Ruah* ordena, participa, está presente no princípio fundante desse ato criador (cf. Gn 1.2). Contudo, o homem é o único que o recebe em uma ação especial, podendo experimentar a vida de Deus dentro de si.

Ao fazer referência a este fato, Lyon afirma que essa realidade torna o homem semelhante ao seu criador:

Deus criou o homem com as suas mãos, tomando da terra o que existia de mais puro e mais fino, e misturando na medida certa a sua potência. De fato, traçou sobre esse composto o seu próprio perfil, de modo que o que seria visível levasse a imagem divina, porque, como imagem de Deus, o homem foi plasmado e colocado na terra. E a fim de que se tornasse ser vivo, lhe soprou sobre o rosto o hálito vital, de modo que, no espírito e no físico, o homem fosse semelhante a ele. (LYON, 2014, p.78-79).

Harris, Archer e Waltke apresentam o sentido da imagem divina no homem, não em seu corpo físico feito a partir de “matéria” terrena, mas na semelhança espiritual, intelectual e moral com Deus, que concedeu o sopro que constituiu a vida.

É somente porque o homem é portador da *Ruah* que ele é imagem de Deus. Na qualidade de semelhante, é vice-regente e “a coroa da criação”. (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p.13).

Gesché, ao abordar a temática, expõe o homem como “criado criador” por vocação e definição, visto que, é ele quem nomeia o que foi criado (cf. Gn 2.19), mostrando que no homem foi depositada a possibilidade de continuidade. “Ele é liberdade criadora e inventiva por direito de nascimento e de essência. Por constituição” (GESCHÉ, 2003, p. 88).

O ser humano não está na terra para realizar um ditado, não é mera repetição, é posição de assumir sua realidade, sua história, diante do cosmos, dele mesmo e de Deus. Com isso, fica claro a diferença entre o homem e o restante da criação, ele possui a *Ruah* soprada diretamente nele, logo, carrega uma responsabilidade que é diferente das outras criaturas.

1.2 A criação da mulher

Colocado este pano de fundo, podemos refletir em que contexto e momento a primeira esposa da escritura é introduzida na narrativa bíblica. Todavia, precisamos partir de um pressuposto argumentativo acerca dos primeiros capítulos do livro de Gênesis, uma vez que, muitas são as leituras e interpretações realizadas no princípio da Igreja e, posteriormente, nas diferentes tradições cristãs.

Para a reflexão, Walter apresenta elementos necessários para a compreensão. Propõe que os versos apresentados pelo livro do Gênesis, não tem por intenção oferecer uma origem material do primeiro casal, mas são representações arquetípicas que nos ajudam a encontrar sentido para todos os homens e mulheres. Contudo, o autor faz uma ressalva importante: “Quando me refiro a palavra *arquetipo*, não me refiro à forma com que a literatura se utiliza. Refiro-me ao simples conceito de que um arquetipo incorpora todos os outros no grupo” (WALTER, 2016, p. 69, grifo do autor). Para ele, o relato apresenta uma mensagem de sentido capaz de alcançar a todos, e isso não tem relação com a historicidade do personagem.

Partindo dessa compreensão, o segundo relato da criação apresenta indícios de que algo está prestes a acontecer: “O Senhor Deus disse: Não é bom que o

homem esteja só...” (Cf. Gn 2.18); a história ganha um rumo novo. No entanto, o texto gera uma pergunta ao leitor: como pode o homem na presença de Deus estar sozinho? Mais ainda: como pode ser Deus a dizer que isso não é bom?

Esses questionamentos serão respondidos ao longo da revelação divina, na progressividade com que Deus vai se auto comunicando e revelando o Seu mistério amoroso. O texto segue, mostrando-nos a razão pela qual um novo personagem surgirá na narrativa:

O Senhor Deus disse: Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda. Iahweh Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual devia levar o nome que o homem lhe desse. O homem deu nomes a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras selvagens, mas para o homem, não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse. (Cf. Gn 2.18-20).

Os versículos seguintes (Cf. Gn 2.21-24) apresentam como Deus resolveu a questão da correspondência. “Deus, então, fez descer sobre Adão, um êxtase e o adormeceu e, para realizar uma obra que derivasse de outra obra, foi induzido sobre Adão, por vontade de Deus, aquele sono que não existia no Paraíso”. (LYON, 2014, p. 80). Depois deste sono profundo, Deus criou Eva a partir do corpo de Adão; suas costelas tornaram-se “matéria-prima” de uma nova criação, como lemos no texto:

Então, o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez a mulher, e levou-a para junto do homem. Eis agora aqui- disse o homem- osso de meus ossos e a carne da minha carne; ela se chamará mulher, porque foi tomada do homem. Por isso, o homem deixa o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne. (Cf. Gn 2.21-24).

A palavra que designa o “sono profundo” do homem é *Tardêmâ*. “Esse substantivo feminino, que se desenvolveu a partir da raiz verbal *rādam*, aparece sete vezes no AT”. (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p. 1403). A primeira ocorrência é em relação ao homem em Gn 2.21, posteriormente, a palavra aparece em outros contextos (Cf. Gn 15.12; 1Sm 26.12; Jó 4.13), mas sempre em relação ao sono “como resultado da intervenção divina. É Deus quem faz cair esse sono ou sonolência sobre o seu servo escolhido”. (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p. 1403).

Em relação a mulher, precisamos nos perguntar “se o texto sugere que Adão

pensava em Eva como tendo sido feita de sua costela. A resposta que encontramos no próprio texto é: não” (WALTER, 2016, p. 71). A palavra que se refere a “costela” nesse trecho é *tsélã*¹. Ela é empregada uma vez em relação ao homem e em outras passagens possui sentido arquitetônico para referir-se ao tabernáculo e ao templo. Nessas passagens (Êx 25-38; 1Rs 6-7) a palavra “pode se referir a pranchas e vigas, mas comumente se refere a um ou outro lado, tipicamente quando existem dois lados”. (WALTER, 2016, p. 72).

Depois do sono de Adão, percebemos em sua resposta que ele não considera Eva apenas “*ossos dos seus ossos*”, mas também “*carne da sua carne*”, ou seja, há bem mais que uma “costela” envolvida, temos à nossa frente uma continuidade. “Novamente, o elemento arquetipo é claro em razão de que o que ocorreu refere-se a todos, não apenas Adão e Eva. Todas as mulheres são ‘do lado’ dos homens”. (WALTER, 2016, p. 74).

1.2.1 A obra engendrada de Adão

O termo usado para designar a primeira mulher formada do homem é ‘ishshâ². “A palavra ‘ishshâ é explicada em Gênesis 2.23,24. É descrita como a cópia física do homem, digna de sua lealdade inabalável. É neste contexto (vv.24,25) que a palavra é usada pela primeira vez com o sentido de ‘companheira’ ou ‘esposa’. (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p.99).

A primeira esposa da escritura estava “escondida” no homem, ela aparece na narrativa teológica, engendrada de alguém que carrega a semelhança divina. Todavia, como argumentado anteriormente, não somos capazes de concluir que o texto descreve uma origem material da mulher, mas somos capazes de encontrar sentido. O texto é inspirado e nos apresenta uma mensagem. Assim, se nos perguntarmos onde estava a mulher no Gênesis, a resposta que brota é esta: primeiro no homem, ela foi tirada de dentro do seu semelhante (Cf. Gn 2.23).

Os versos 2.21-24, também revelam que ela não foi criada da “argila do solo” (Cf. Gn 2.18) como o primeiro homem, mas de uma “matéria-prima” elevada. Tal constatação é evidenciada pelo seguinte fato: após criar a mulher, nada é soprado

²A palavra é usada com frequência no sentido de “esposa”. A boa esposa é muito honrada no AT. Aquele que encontra uma, encontra uma fonte de bênção (Pv 18.22) e honra (Pv 12.4)”. (Cf. HARRIS, R. Laird, ARCHER, Gleason L, WALTKE, Bruce K, 1998, p. 99).

em suas narinas; diferindo-se de Adão que foi criado de outra “matéria-prima”, conforme relatado anteriormente. Ela também não se torna como as feras selvagens (Cf. Gn 2.19), é criada a partir de dentro e de alguém que já possuía a *Ruah*, que é interpretado, como vimos, em referência ao Espírito Santo.

A força vital está no homem, quando ele se torna “matéria-prima” em sua própria carne, a mulher recebe o que ele tem. Há um transbordamento da vida de Deus que está nele e que ele não pode conter apenas para si. Essa relação possui “uma comunhão tão profunda que os torna uma única existência, um só nome, ‘uma só carne’. Deus é representado simbolicamente como um construtor que cria uma pessoa que é da mesma qualidade da outra”. (RAVASI, 1988, p. 184).

1.2.2 Uma só carne

Adão reconhece em Eva uma semelhança que até então não havia encontrado nas outras criaturas. Essa correspondência, no entanto, tem uma finalidade: tornar-se uma só carne. O sentido da plenitude do humano é apresentado; a história da humanidade nasce, segundo o relato teológico de Gênesis, de um “tornar-se”. Essa simbiose gera vida e vida em unidade:

A primeira sociedade foi constituída por um homem e uma mulher. Deus não os criou separadamente, unindo-os depois como dois estranhos. Do homem tirou a mulher, manifestando assim a força da união no lado, do qual foi extraída e formada a mulher (Gn 2,21). Pelos lados se unem dois que caminham juntos, e se dirigem ao mesmo ponto. (AGOSTINHO, 2014, p.22).

Homem e mulher dirigem-se ao seu criador, tornando-se seus representantes com autoridade e responsabilidade diante de toda obra criada. A mulher aparece como um ser correspondente que possibilita essa ação. Ela é a auxiliar de Adão, não um ser inferior, de menor categoria, mas aquela que revela Deus a Adão e o tem revelado no homem que é também seu correspondente.

A palavra que faz referência a mulher como “auxiliadora”, “ajudadora” é ‘*êzer*. O mesmo termo é encontrado em outras ocasiões, mas “na maioria das vezes é empregado num sentido concreto para designar aquele que presta ajuda”. (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p.1105). Em referência a fonte da ajuda, sem pormenorizar, a palavra também é usada em outros contextos para expressar o

auxílio divino (Cf. Sl 121.1-2).

Diante disso, faz-se notório que o texto não apresenta a mulher com um sentido de inferioridade, já que o mesmo termo também expressa a “ajuda” e o “auxílio” do Senhor. “De outro lado, visto que o seu corpo foi feito a partir do homem, existe uma continuidade entre os dois de forma que só encontrarão realização profunda no relacionamento um com o outro”. (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p. 1289). Ao tornar-se auxílio do homem, manifestado na força da união do lado, o auxílio divino também é evidenciado, uma vez que, é por intermédio do auxílio divino que a auxiliar do homem aparece na narrativa.

Essa comunhão não possui a “mesma intensidade em nenhuma outra parte da criação. Portanto, a origem da mulher torna possível que um homem e uma mulher estabeleçam um relacionamento dinâmico em que os dois se tornam “uma só carne”. (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p. 1289). Nesse ínterim, a “unicidade absoluta da mulher, a complementariedade dos dois sexos e a relação de amor são celebradas com o assombro eterno do homem enamorado”. (RAVASI, 1988, p. 184).

É uma relação tão profunda, que Eva sendo também semelhança de Deus, recebe a *Ruah* através da obra realizada em Adão. Tudo que nele foi constituído, torna-se constituição dela também, já que os dois são criados à semelhança de Deus. Contudo, não é uma constituição idêntica, mas de correspondência. Homem e mulher preservam cada um, sua identidade. A nova criação realizada por Deus apresenta a diversidade dos que são semelhantes e carregam sua *Ruah*:

O que se procura é um ser que se assemelhe ao homem, porém diferente dele. Se este ser fosse meramente como ele, uma repartição, uma multiplicação numérica, não seria eliminada a sua solidão, porque não se confrontaria com ele como sendo outro; pelo contrário, o homem meramente reconheceria nele a sua própria pessoa. Se, outrossim, fosse meramente diferente dele, um ser de uma ordem totalmente diferente, a solidão dele não seria eliminada, pois o homem seria confrontado por aquele outro, mas não como sendo um outro que realmente lhe pertence; pelo contrário, seria um encontro do tipo que o homem tem com a terra, as árvores, os rios, como elementos na esfera dele, mas não como companheiro que ocupa juntamente com ele aquela esfera, cumprindo nela os seus deveres. (BROWN; COENEN, 2000, p.1335).

Em comunhão, ao tornar-se uma só carne, o casal consegue refletir a imagem e semelhança do criador, ecoando Gn 1. 26-27. A novidade é mostrar a necessidade de um para com o outro que resulta nessa comunhão de semelhantes. Fica evidente que o texto do segundo relato não quer se conter apenas em apresentar o que Deus

fez (Cf. Gn 1.26-27), mas inspiradamente expressar sentido do que se fez (Cf. Gn 2.24), para revelar os desígnios de Deus que, desejou tornar a humanidade participante do seu projeto.

O homem é chamado a existência por amor. “Deus, ao criar o homem à sua imagem, inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação ao amor e à comunhão”. (JOÃO PAULO II, 1981, n.11). A esse respeito, Grudem propõe que o fato de “Deus criar duas pessoas distintas, homem e mulher, em vez de criar somente o homem, faz parte de nossa essência à imagem de Deus, porque pode ser visto de certo modo como um reflexo da pluralidade de pessoas dentro da Trindade” (GRUDEM, 2019, p. 294-295). Leloup discorre que a imagem e semelhança de Deus é refletida no movimento de um para com o outro:

A relação do homem e da mulher, seu movimento de um “para” o outro, de um “pelo” outro, de um “no” outro é, segundo o Livro do Gênesis, aquilo que constitui “a imagem da semelhança de Deus”, já que “à sua imagem e à sua semelhança Ele os criou; homem e mulher Ele os criou”. Não é o homem ou a mulher, ou uma “parte do homem ou da mulher” (sua consciência, sua liberdade, seu espírito, seu coração ou seu sexo), mas é sua relação que é feita à imagem e semelhança de Deus. (LELOUP, 2019, p. 168).

Nesse processo, o casal recebeu a possibilidade de manifestar essa realidade a partir da sua própria relação, criada por Deus para tal fim. “O homem e a mulher unidos em uma só carne são o sacramento primordial de Deus, reflexo do amor trinitário e do amor incondicional de Deus ao homem. É a imagem de Deus, criada por Ele mesmo”. (HERNÁNDEZ, 2016, p, 8).

1.3 Unidade

Homem e mulher juntos são unidade. Adão é um, não quando está isolado, mas acompanhado. “Deus não criou os seres humanos para o isolamento; ao nos criar à sua imagem, ele nos fez de tal modo que possamos alcançar a unidade interpessoal de várias maneiras em todas as formas da sociedade humana. (GRUDEM, 2019, p. 294-295).

Deste modo, “a afirmação de que não era bom estar sozinho não tinha relação com solidão, mas com o homem que, portador de tanto amor, precisava derramar isso em alguém. O amor só é amor se transborda para fora de si”.

(PAZETO, 2021, p. 9). Da mesma maneira que houve um transbordamento da Trindade na criação, houve também um transbordamento do homem em sua correspondência. O humano foi criado em uma dimensão amorosa tão superior que não podia reter a *Ruah* apenas para si, mas tornar-se “matéria-prima” em sua própria carne.

Semelhantemente à unidade revelada na Trindade, resultado da comunhão amorosa de um para com o outro, o homem recebeu a possibilidade de, em parte, fazer a mesma experiência: unidade. Uma palavra implícita no Gênesis, pois a ação criadora de Deus acontece na comunhão trinitária. O Pai é o personagem principal da narrativa, mas ele não atua sem o Filho e o Espírito. Da mesma maneira, segundo o relato teológico do livro de Gênesis, o homem recebeu do seu criador a possibilidade, ao se fazer unidade com sua correspondência, de tornar-se participante, em parte, desse amoroso mistério trinitário.

1.4 Desenredo

Uma quebra acontece na narrativa, um desfecho contrário à unidade: pecado. O homem criado à imagem e semelhança de Deus viu sua humanidade desumanizada através do pecado. Por consequência, o primeiro casal da escritura percebeu sua nudez e cobriu-se com folhas de figueira (Cf. Gn 3.7), contrapondo ao fato de que antes estavam nus e não se envergonhavam (Cf. Gn 2.25).

A palavra que indica a nudez em Gênesis 3.7 é *‘êrôm*. Ela descreve mais do que a consciência acerca do sexo. Eles “estavam conscientes de sua culpa e da impossibilidade de escondê-la de Deus. O relacionamento com Deus foi prejudicado, atrapalhando o relacionamento um com o outro”. (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p. 1097). Entretanto, o Senhor os vestiu com túnicas de pele (cf. Gn 3.21), mostrando já no Gênesis, que a percepção da nudez não pode ser resolvida com ato humano, mas somente por Sua intervenção.

Por essa razão, o projeto salvífico apareceu como caminho a ser percorrido, a fim de restaurar a imagem divina desfigurada no homem. Nesse sentido, a salvação é apresentada para um destinatário: a humanidade. O pecado quebrou a unidade amorosa com que esta havia sido projetada, gerando divisão. Primeiro com Deus e, por conseguinte, com o seu semelhante.

Uma das primeiras consequências do pecado mostrada no Gênesis é a

quebra na relação dos semelhantes. Primeiro entre Adão e sua correspondência: o homem culpa sua esposa pelo pecado. Não consegue assumir a responsabilidade que lhe era devida diante de Deus (Cf. Gn 3. 12). Depois, o fratricídio de Abel (Cf. Gn 4. 8). O pecado afetou profundamente a harmonia e a unidade amorosa com que o homem havia sido criado, com Deus e com o próximo.

O amor corrompido pelo pecado, “com sua marca de medo, de desejo de domínio, necessita uma salvação que o recrie, que o devolva ao que era no desígnio de Deus”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 9). Todavia, esse amor corrompido não se tornou um limitador fatídico, Deus encontrou um jeito de revelar a profundidade do Seu amor. A aliança de Deus com Israel foi a resposta para que não houvesse distanciamento entre Deus e a humanidade. “A história de Israel é interpretada como um diálogo de amor entre Deus e seu povo”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 13).

Nessa narrativa amorosa, no desenvolvimento em que ela vai tangendo sua construção, o homem vai sendo tocado pelo amor gratuito, de modo que, o pecado não seja o destino da história. A proposta de Deus que é amor, é se auto comunicar. Nesse processo vai tocando e tornando o homem também em amor. Ao fazer isso, vai revelando sua graça. Porém, ele não compartilha a graça como algo externo, ele é a graça, fonte de si mesmo. Logo, ao comunicá-la, vai revelando progressivamente cada vez mais sua vontade, ao mesmo tempo que vai tornando o homem capaz de conter essa dádiva.

Pouco a pouco, a revelação divina vai ganhando episódios que possibilitam uma melhor reflexão acerca de quem é esse Deus que deseja relacionar-se com a sua criação. Os desdobramentos desses fatos vão revelar essa verdade ao possibilitar o encontro da história de Israel com a Igreja, mostrando que o desenredo não é um limitador diante do Cristo: o verbo encarnado que conjugou as ações do pecado, realizando sobre ele uma nova criação.

CAPÍTULO II

2. A ESPOSA NA BÍBLIA: ISRAEL

Com a complexa cena do Éden (Cf. Gn 3.1-24) e a percepção da nudez humana, a aliança tornou-se o caminho para que não houvesse um limitador entre Deus e a humanidade. As literaturas veterotestamentárias revelam o povo de Israel como figura eleita para que isso aconteça. Deus resolveu a questão fazendo um chamado à Abraão que culminou em uma aliança de caráter nupcial com sua descendência.

Para Wright, o chamado de Deus à Abraão é a resposta para o pecado de Adão, de modo que, “a história de Israel é o microcosmo e o coração palpitante da história mundial”. (WRIGHT, 2019, p. 91). Acrescenta, que a razão da história de Israel ser importante é que “o criador do mundo escolheu e chamou Israel para ser o povo por meio do qual redimirá o mundo”. (WRIGHT, 2019, p. 91, grifo do autor).

Sendo assim, o chamado de Deus à Abraão “eco a vocação de Adão: o ‘sejam férteis e multipliquem-se’ de Gênesis 1:28 transforma-se em ‘multiplicarei muitíssimo a sua descendência... Eu o tornarei extremamente prolífero’, em Gênesis 17:2,6” (WRIGHT, 2020, p. 54). Nesta iniciativa de Deus, torna-se evidente que a rebelião humana não vai revogar o projeto divino, como expõe Wright:

Deus criou o mundo de tal maneira que ele deveria ser cuidado por seres humanos que refletissem sua imagem. Com a rebelião humana, Deus não revogou o projeto. Em vez disso, chamou uma família a fim de que ela refletisse não apenas sua ordem e administração para o mundo, mas também seu amor resgatador em prol deste mundo desastrosamente imperfeito. Eis então o êxtase e a agonia do Antigo Testamento: a rica e deslumbrante vocação de Israel e o fato obscuro e trágico de que essa vocação, essa missão de resgate, devia ser levada a cabo por um povo que precisava desesperadamente, ele próprio, do mesmo resgate”. (WRIGHT, 2020, p. 54-55).

No desdobramento, a história da descendência do patriarca Abraão constituiu a base do que será chamado povo de Deus. No episódio do Êxodo, o conjunto das tribos tornaram-se esse povo. O processo de libertação apresentado no pentateuco instituiu o eixo moral e religioso da história de Israel, e a memória dessa ação divina na história perpassou gerações, sendo sinal amoroso da libertação realizada por Deus.

À vista disso, contratualmente se estabeleceu uma aliança no Sinai. Deus prometeu a terra, e em troca, quis o povo para si. “Para isso, se faz uso da linguagem analógica da ‘aliança’ para representar esse pacto, pois sendo Deus transcendente, o ser humano só pode falar dEle por meio da linguagem simbólica”. (JANSEN, 2009, p. 30). Dessa relação, o tema da fidelidade e infidelidade tornou-se essencial; o contrato assumido possuía dois lados: o do povo que por diversas vezes é achado infiel e o de Deus que permanece na fidelidade.

É nesse contexto pactual que emerge a figura dos profetas, e em sua boca, encontra-se um grande anúncio matrimonial; Israel é apresentada nos termos de uma esposa para o seu marido. Com isso, vamos percebendo a aliança sendo exibida diversas vezes nesse caráter nupcial (Cf. Os 1-3; Is 1.21; 62; Jr 2.2; 3.1-2; 14; 4.22; Ez 16; 23). O Deus Esposo é anunciado na aliança, para que o humano, limitado por sua linguagem exígua, pudesse compreendê-la em uma dimensão amorosa mais profunda.

Nessa dinâmica sponsal Deus-Israel, o livro de Cântico dos Cânticos também é absorvido dentro desse arco maior que anunciaram os profetas: a relação Deus-Esposo com a Esposa-povo. Contudo, faz-se necessário pontuar de início, que essa realidade não exclui a relação humana literal apresentada no livro. Pelo contrário, o casal de cânticos reafirma o projeto inicial do Gênesis refletido no primeiro capítulo deste trabalho.

Exposto esse desenvolvimento veterotestamentário, este capítulo continuará o caminho iniciado no primeiro, refletindo a figura da Esposa enquanto Israel que, como dito, recebe este título no anúncio por parte dos profetas e também é vislumbrada no livro de Cântico dos Cânticos. Deste modo, ao longo do desenvolvimento que a aliança propõe, observamos uma relação profunda retratada em atributos matrimoniais. À nossa frente deparamo-nos com uma verdade alarmante: a comunhão quebrada com o primeiro casal da escritura, pôde ser resgatada através da aliança com a Esposa Israel.

2.1 Os profetas veterotestamentários: Atuados pelo Espírito

Como já visto, o pecado quebrou a comunhão com Deus, mas isso não revogou a iniciativa divina de se relacionar com a Sua criação. Deste modo, a aliança acaba por revelar também, o caminho da ação do Espírito que se faz

presente para tornar possível essa iniciativa. Nesse sentido, os profetas veterotestamentários são a exemplificação de que o Espírito está agindo no AT. São homens apoderados por Deus, anunciando verdades profundas do Seu amor fiel e zeloso.

Todavia, sabemos que o Espírito ainda não havia sido derramado sobre toda carne (Cf. Jl 2. 28-29, At 2. 17-18), mas torna-se evidente sua ação sobre o profeta para o anúncio da mensagem. Os profetas mesmos “testificavam que seus pronunciamentos e escritos provinham do fato de o Espírito Santo ter vindo sobre eles” (ERICKSON, 1997, p. 352). A esse respeito, Codina atesta que o “fenômeno do profetismo tem sido atribuído sempre ao Espírito: os profetas são ungidos pelo Espírito para que se convertam em sua voz”. (CODINA, 1997, p. 227).

Nessa ação especial divina, eles convertem-se em porta-vozes, inserindo-se ativamente na proclamação de uma palavra que salva ou condena. Sicre, porém, chama a atenção ao fato de que a chave para entender o mundo misterioso dos profetas “não é a pessoa escolhida, sua vida ou seu destino, mas a palavra de Deus, a missão que Deus confere”. (SICRE, 1992, p. 114). É a ação sobre a vida do profeta, através do profeta, que nos permite compreender o que Deus está querendo anunciar.

No drama dos livros proféticos, o primeiro personagem é a palavra e “dela depende o destino dos povos” (SICRE, 1992, p.101). Contudo, não se trata de qualquer palavra, mas de uma que se apodera do profeta por meio do Espírito com tal força e mistério, numa experiência tão íntima, que eles não conseguem fazer outra coisa, a não ser proclamá-la: *“Então, eu disse: não farei menção dele, nem falarei mais em seu nome, mas a sua palavra estava em meu coração como um fogo ardente trancado em meus ossos, e eu fiquei cansado de tanto me conter”*. (Cf. Jr 20:9).

2.1.2 Os profetas veterotestamentários: Não proclamam uma novidade

O grande tema encontrado nos profetas bíblicos, refere-se continuamente a aliança. Entretanto, é necessário argumentar que, mesmo antecipando em suas palavras fatos que ainda iriam ocorrer, eles “não anunciam uma novidade, não proclamam um evangelho. Falam para um povo comprometido, consciente de ter uma missão confiada por Deus e que se expressa na aliança, mas que é infiel à sua

missão” (COMBLIN, 2008, p. 32).

Em decorrência, observa-se que ao longo de toda literatura profética há um fator intrínseco nestas palavras; elas estão sempre em relação ao que Deus já comunicou de si mesmo. Por conseguinte, as predições acerca do futuro ecoam a vivência e fidelidade à aliança proposta pelo próprio Deus. Quando o povo não assume sua responsabilidade no pacto, sofre sansão do contrato assumido no Sinai.

Outro fator que salta dos textos é o fato dos profetas não buscarem os elementos extraordinários identificados nas suas próprias experiências. Antes, carregavam um profundo desejo de viver radicalmente a aliança. Nessa busca completa pelo Deus da aliança, é que eles se encontraram com os elementos que as categorias da sua própria linguagem eram insuficientes para comunicar. Por isso, o uso de diversas imagens aparece para expressar a realidade que viviam em seu íntimo. Também, clareiam outra verdade: a busca radical pela vivência da aliança é o que tornou possível o encontro com esses mesmos elementos extraordinários.

Como argumentado, não proclamam uma novidade, mas são inspirados pelo Espírito a discernir, compreender e anunciar. Esse anúncio, porém, resulta do “senso da importância espiritual e da urgência moral do presente”. (SCOTT, 1965, p. 26). Por essa razão, os profetas, por meio do Espírito, sabiam como responder e viver a aliança fielmente no tempo em que estavam inseridos. Não podiam ser pessoas alienadas à realidade do povo, pelo contrário, deviam estar em profunda inserção às situações que envolviam a comunidade que pertenciam.

É nessa dinâmica de inspiração e atuação, por vezes extraordinária, em decorrência da resposta radical à aliança, que o Espírito impulsionou os profetas ao anúncio em termos nupciais (Cf. Os 1-3; Is 1.21; 62; Jr 2.2; 3.1-2; 14; 4.22; Ez 16; 23). Foi assim que a relação esponsal Deus-Israel emergiu como resposta profética, através de uma ação especial sobre os profetas, para denunciar a infidelidade do povo escolhido por Deus e também revelar a verdade do Seu inefável amor.

2.2 A Esposa como resposta profética

Colocada quididade ao exercício profético, podemos refletir acerca do anúncio matrimonial que encontramos na boca dos profetas bíblicos. Oseias, Isaías, Jeremias e Ezequiel, são exemplos de quem anunciou e evidenciou a aliança em termos nupciais. Dentro do contexto de infidelidade que surge da idolatria, a reposta

encontrada, está por diversas vezes enraizada na imagem do “casamento”.

2.2.1 Oseias

Oseias sem dúvida foi quem mais respondeu em seu anúncio a partir dessa linguagem. De modo incisivo, denunciou a relação infiel do povo que se prostituiu com seus ídolos, apontando que eles desconheciam as cláusulas do contrato. A parte de dar-se por completo, tornando-se o povo de Deus em fidelidade, foi esquecida. Todavia, na perspectiva deste livro profético, há uma saída: conhecer quem propôs a aliança.

Como relatado no livro, Oseias assumiu a mensagem fazendo experiência encarnada do amor de Deus por Israel. A história do povo de Deus é exemplificada na figura da mulher de Oseias: o povo foi achado em prostituição. Mas, novamente, assim como na prostituição narrada no Gênesis, isso não é suficiente para delimitar as ações daquele que propôs a aliança.

Dentro da narrativa apresentada acerca de Gomer, Sicre comenta que alguns acreditam que a história é pura ficção literária, outros que o profeta realmente recebeu o encargo de casar-se com uma prostituta, tem quem acredite que ela era apenas uma moça normal que foi infiel a Oseias abandonando-o para ficar com outro homem e, ainda, quem afirme que ela não era nem prostituta, nem foi infiel, sendo apenas uma interpretação errônea dos discípulos do profeta.

Para o autor, o mais provável é que “Gomer não era uma prostituta, mas foi infiel a seu marido e o abandonou” (SICRE, 1992, p. 255). Contudo, independente da opção interpretativa, há uma mensagem que deve ser comum e que está enraizada no livro: a experiência apresentada na vida de Oseias sendo ou não literal, serve para expressar a relação de Deus com o povo da aliança. Deus definitivamente “é o marido, Israel a esposa” (SICRE, 1992, p. 255).

Ainda segundo Sicre, a mensagem de Oseias carrega algo desconcertante e que pode ser considerada precursora para o NT. A lógica religiosa se baseava em: pecado-conversão-perdão. O livro, no entanto, mostra que “o perdão antecede a conversão. Deus perdoa antes que o povo se converta, embora não se tenha convertido” (SICRE, 1992, p. 258).

2.2.1.2 Não meu povo

Através da história torna-se explícito a idolatria: a Esposa Israel tornou-se infiel e abandonou Seu marido para se envolver com os Baais. Essa verdade é apresentada logo na abertura do livro: “*Vai, toma para ti uma mulher que se entrega à prostituição e filhos da prostituição, porque a terra se prostituiu constantemente, afastando-se de lahweh*” (Cf. Os 1. 2). Oseias toma Gomer como esposa, e filhos cujos nomes são simbólicos e entendidos como uma experiência pessoal, é “uma descoberta progressiva do que Deus fará com Israel”. (SICRE, 1992, p.161).

São três os filhos apresentados: Jezrael, “porque ainda um pouco de tempo e eu castigarei a casa de Jéu pelo sangue de Jezrael” (Cf. Os 1.4), Lo-Ruhamah, “porque doravante não terei mais piedade da casa de Israel para lhe perdoar” (Cf. Os 1. 6) e Lo-Ammi, “porque não sois meu povo” (Cf. Os 1. 9). A mensagem implícita nos nomes dos filhos representa a trágica situação de Israel. Em pouco tempo serão castigados, Deus não terá piedade e a razão é esta: Israel deixou de ser o povo de Deus quando se tornou infiel.

2.2.1.3 Porque ela não é minha esposa: o outro “marido”

Não meu povo, converte-se em “ela não é minha esposa” (Cf. Os 2.4). O livro apresenta a dura e triste afirmação: “*Processai vossa mãe, processai. Porque ela não é minha esposa, e eu não sou seu esposo*”. (Cf. Os 2. 4). O marido traído parece entrar em ato jurídico com a amada. Ele denuncia sua vergonha: “*cobriu-se de vergonha aquela que os concebeu*” (Cf. Os 2. 7). E afirma que retirará a lã e o linho que deveriam cobrir sua nudez (Cf. Os 2. 11). Aquilo que ele concedeu, vai ser requerido. Eis o motivo: Israel se enfeitou com anéis e colares, correndo atrás de seus amantes e esquecendo-se do Seu Deus (Cf. Os 2. 15).

Para melhor entender essa mensagem de Oseias, Sicre explica que os israelitas, em princípio, eram um grupo de seminômades que entendiam o Deus da aliança como um deus de pastores. Mas ao entrar em Canaã, eles conceberam outra profissão, tornando-se agricultores. Por essa razão, era difícil compreender que “seu ‘deus de pastores’ pudesse ajudá-los a cultivar a terra, provê-los de chuva e a garantir-lhes estações propícias. Difunde-se então o culto ao deus cananeu Baal, senhor da chuva e das estações”. (SICRE,1992, p. 254).

O termo Baal (*bā'al*) significa “dono” ou “marido”. Parece haver um jogo de palavras. Neste sentido, “o verbo *bā'al* do ponto de vista teológico leva-nos a um exame da terminologia matrimonial empregada por Deus ao definir o seu relacionamento com seu povo”. (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p. 199). É como se dois tipos de maridos fossem apresentados em disputa. Contudo, o Deus da aliança, em detrimento ao outro “marido”, é quem concedia a lã, o linho, óleo, vinho, mas o israelita “não agradecia a Javé, mas a Baal; quando eles lhe faltavam, e se aproximava uma colheita ruim ou um período de seca, em vez de recorrer a Javé invocava Baal”. (SICRE, 1992, p. 254).

É neste contexto que Israel é encontrada adúltera; ela traiu o esposo da aliança, com outro “marido”. Em qualquer “outro país, isto não teria gerado o mínimo problema; as divindades costumavam ser muito tolerantes. Mas Javé é um deus intransigente, que não permite concorrência de espécie alguma”. (SICRE, 1992, p. 254). A questão central é que essa exclusividade é assegurada pela fidelidade de Deus, e é diante do adultério que isso fica evidenciado.

O desfecho revela-nos porque o marido que deseja exclusividade, vence. O motivo é que ele é possuidor de um amor zeloso capaz de seduzir sua amada, conduzindo-a ao deserto para falar-lhe ao coração (Cf. Os 2. 16). Nesse diálogo amoroso, ela não terá motivos para chamar o amante de “Meu Baal”, mas para anunciar o Deus de Israel como “Meu Marido” (Cf Os 2. 18). Aquele que propôs a aliança responde com o perdão, mesmo diante da prostituição.

2.2.1.4 Ama outra vez: o amor apaixonado do Esposo que perdoa

“Depois do que se ouviu no capítulo primeiro, espera-se a decisão mais drástica de Deus. Não será assim”. (SICRE, 1990, p. 229). A lei de Israel justificaria o rompimento com Gomer, mas o mandato que o profeta recebe de Deus é bem diferente: “*Vai novamente ama uma mulher amada por outro e que comete adultério, como lahweh ama os israelitas*”. (Cf. Os 3.1). O próprio Deus que fala com o profeta, compara a relação apresentada na vida de Oseias com a sua relação com o povo. “O importante na ordem inicial é que Oséias tenha a experiência de ser traído pela mulher que ama; assim entenderá o que acontece a Deus, traído por Israel”. (SICRE, 1992, p. 161).

Entretanto, estes versos de Os 3.1 não apenas atestam a infidelidade, mas

revelam que tipo de amor é esse que apresenta o perdão em detrimento da traição sofrida. Não é qualquer amor, mas de “um esposo capaz de perdoar tudo e voltar a começar”. (SICRE, 1992, p.255). Vislumbra-se aqui, uma verdade que ficará ainda mais evidente no NT, Deus vem ao encontro do seu povo com perdão e reconciliação porque ama fielmente. Vai até as últimas consequências para cumprir sua parte na aliança.

Balthasar afirma que Oseias atua por encargo de Deus, sendo prefiguração de Cristo e, o que o que ele faz, “não é apenas humilhante para ele, mas também enganoso e exposto a mal-entendidos para outros”. (BALTHASAR, 2001, p. 231, tradução nossa). Acrescenta que a prostituta Gomer-Israel devia ser repudiada, mas lhe é assegurada a vitória pelo amor delicado de Deus:

É evidente que a prostituta deveria ter sido repudiada, mas agora o amor de Deus se inclina para cortejá-la. No entanto, não há o menor equívoco nesse amor, não há nada nele das relações indelicadas dos deuses pagãos com seus povos. Javé é o Deus que, manso e gentil, mas traído já desde o princípio, conduziu o povo pelo deserto (11,1-5; 12,10; 13,4-5) e o ameaçará sem piedade, mas garante a vitória ao seu delicado amor. (BALTHASAR, 2001, p. 205, tradução nossa)

O marido volta a cortejá-la, ele quer “perdoá-la por puro amor, fazer uma nova viagem de lua-de-mel, dar-lhe um novo presente de casamento, que restaure a intimidade”. (SICRE, 1992, p. 257). Mais uma vez, a infidelidade humana não é suficiente para interromper o ato amoroso desta narrativa que vem sendo construída no diálogo entre Deus e Israel.

2.2.1.5 A solução: Conhecer o Deus da aliança

Há uma solução apresentada: conhecer o Deus da aliança. Esse conhecimento, no entanto, possui um pressuposto. A partir da linguagem do livro é anunciado um “desposamento” para este conhecimento: “*Eu te desposarei a mim na fidelidade e conhecerás a lahweh*” (Cf. Os 2. 22). Essa ideia de “desposar” é a opção da maior parte das traduções das bíblias, em detrimento de vez ou outra, se optar por “casar-me-ei”, “casarei”.

Esse conhecimento remete a intimidade do vínculo conjugal: Deus se apresenta como possibilidade de ser conhecido, nos termos de um esposo que deseja sua amada. Quando Israel for “desposada”, então, “conhecerá” lahweh.

Nesse sentido, conhecer a Deus na linguagem do profeta, pressupõe uma relação tão profunda, que a imagem escolhida é a de uma relação íntima. A relação com Baal, como visto, se tornou prostituição, mas o conhecimento permanece disponível, graças a fidelidade do “verdadeiro marido”.

2.2.2 Isaías

O profeta Isaías toca rapidamente neste tema: “*Como se transformou em prostituta, a cidade fiel?*” (Cf. Is 1. 21). No primeiro capítulo de seu livro, há uma menção de lamentação sobre Jerusalém nos termos de relação íntima. Posteriormente, no capítulo 62, fala-se também de um desposamento na mesma linguagem comunicada por Oseias. Schökel e Sicre dividem este capítulo em três seções. Uma “dirigida à cidade como noiva (1-5), outra dirigida às sentinelas, oferecendo os dons (6-9), a terceira ao povo e à cidade convidando-os a receberem o vencedor”. (SCHÖKEL; SICRE, 1988, p. 385).

O trecho que faz referência à Israel em relação nupcial com Deus encontra-se na primeira parte e apresenta Deus como alguém que encontra alegria e prazer (Cf. 62.1-5). “Temos à nossa frente a conhecida imagem da cidade como esposa do Senhor. O original é que não se trata aqui de reconciliação após o rompimento, mas sim de algo inaugural, do dia das núpcias” (SCHÖKEL; SICRE, 1988, p. 385). Os versos expressam a relação Deus-povo, na imagem de dois jovens que se casam:

Por amor de Sião não me calarei, por amor de Jerusalém não descansarei, até que sua justiça raie como clarão e a sua salvação arda como tocha. Então as nações verão tua justiça, e todos os reis, tua glória. Receberás nome novo, que a boca de lahweh designará. Serás coroa gloriosa nas mãos de lahweh, turbante real na palma do teu Deus. Já não te chamarão “Abandonada”, nem chamarão à tua terra “Desolação”. Antes, serás chamada “Meu prazer está nela”, e tua terra, “Desposada”. Com efeito, lahweh terá prazer em ti e se desposará com tua terra. Como o jovem desposa uma virgem, assim te desposará o teu edificador. Como a alegria do noivo pela sua noiva, tal será a alegria que teu Deus sentirá em ti. (Cf. Is 62, 1-5).

Outro elemento aparece: “a terra fecunda, também em imagem matrimonial. É a terra materna, fecundada não por Baal, mas sim pelo autêntico Senhor da chuva”. (SCHÖKEL; SICRE, 1988, p. 386). Sabemos, porém, que a imagem da terra só tem sentido em relação com o povo. A terra é herança que Israel só pôde herdar por meio da aliança. Os “deleites futuros que Deus terá com seu povo redimido são

ênfatisados em Isaías, onde a elite da terra se casará (*bã'al*, nifal), obviamente com YHWH". (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p. 199).

2.2.3 Jeremias

O livro do profeta Jeremias coloca-se ao lado de Oseias e Isaías assumindo, por vezes, a mesma linguagem. No segundo capítulo há uma ordem de anúncio por parte de lahweh que, lembra de Israel com o amor da juventude, com o carinho do noivado, quando o povo seguia-o pelo deserto:

Vai e grita aos ouvidos de Jerusalém: Assim disse lahweh: Eu me lembro, em teu favor, do amor de tua juventude, do carinho do teu tempo de noivado, quando me seguias pelo deserto, em uma terra não cultivada. (Cf. Jr 2.2).

“A esposa, acusada e culpada, tenta outro expediente: o afago, as palavras carinhosas, as recordações felizes (sugeridas por 2,2)”. (SCHÖKEL; SICRE, 1988, p. 448). A parte ofendida, porém, alega caso jurídico. No terceiro capítulo, por exemplo, isto é explícito. Jeremias denuncia a infidelidade cometida, a idolatria, referindo-se a mulher que se separa e casa com outro homem. Em correspondência, introduz-se a ideia de que Israel prostituiu-se com inúmeros amantes, como vemos no texto:

Se um homem repudia a sua mulher, e ela se separa dele e se casa com outro, terá ele, por acaso, direito de voltar a ela novamente? Porventura, não está totalmente profanada esta terra? E tu, que te prostituíste com inúmeros amantes, queres voltar a mim! Oráculo de lahweh. Levanta os teus olhos para os cumes e olha: Onde não foste profanada? Nos caminhos te assentavas para eles, como o árabe no deserto. Profanaste a terra com tuas maldades. (Cf. Jr 3.1-2)

Esta união tem deveres e não há como escapar da acusação de infidelidade. Neste trecho, mais uma vez, assim como em Isaías, a imagem matrimonial também aparece na “terra, que recebe sua fecundidade da chuva celeste (o feminino e o masculino): a terra se profana, fica sem fecundação, torna-se deserto”.(SCHÖKEL; SICRE, 1988, p. 448).

Em Jr 3.14, a apresentação de Deus como possuidor do povo torna-se incontestável: “*oráculo de lahweh- porque eu sou o vosso esposo*”. Mais adiante, no quarto capítulo, isto se confirma e a ideia do conhecimento divino aparece na mesma linha que apresenta o “desposamento” em Oseias. Os versos afirmam: “*Pois*

meu povo é tolo. Eles não me conhecem” (Cf. Jr 4.22). A palavra que faz referência é *Yāda'*, que significa “conhecer”.

Yāda', porém, está relacionada diversas vezes a uma relação sexual entre homem e mulher. Ela aparece, por exemplo, “no conhecido eufemismo ‘conheceu Adão a Eva, sua mulher’”. (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p.598). Vemos nesta passagem do Gênesis, que o “conhecer” é relacionado ao ato expresso na intimidade exemplificada entre Adão e Eva. O termo ainda é usado na descrição de perversões sexuais e para designar o estupro de Jz 19.25.

Observa-se neste trecho de Jr 4. 22, que o sentido da denúncia na falta de conhecimento do povo é aplicado em outras ocasiões para expressar uma relação sexual, vislumbrada na intimidade deste vínculo. Segundo Harris; Archer e Waltke, *Yāda'*, também se refere à relação com a divindade, “seja com outros deuses (Cf. Dt 13.3, 7, 14) ou com Javé (Cf. 1 Sm 2.12; 3.7)”. (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p. 598).

Posteriormente, os versos de Jr 31.32 reafirmam a temática. Nesta conhecida passagem acerca da nova aliança, “a aliança anterior é descrita como tendo sido quebrada, situação que é a mais séria e chocante por ‘eu os haver desposado (*ba'al*), diz o SENHOR’ (Jr 31.32; cf. MI 2.11)”. (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p.199). Partindo disto, percebe-se que o livro de Jeremias, em alguma instância, também relaciona a resposta da aliança na imagem amorosa que une um homem e uma mulher. Conhecer à Deus, definitivamente, para os profetas, carrega uma dimensão profunda de intimidade, cuja imagem mais próxima é a do casamento.

2.2.4 Ezequiel

Ezequiel, por sua vez, “explora essa imagem a ponto de torná-la quase intolerável, pois pinta com todos os detalhes o adultério desavergonhado de Israel”. (BALTHASAR, 2001, p. 204, tradução nossa). Em decorrência da prostituição, expõe a nudez do povo nas relações com seus amantes que, configura traição com lahweh. Israel novamente é achada em infidelidade na sua parte do pacto, sendo assim denunciada por mais um livro profético:

Pois bem, prostituta, ouve a palavra de lahweh: “Assim fala o Senhor lahweh: Visto que dilapidaste e descobriste a tua nudez em tuas prostituições com teus amantes e com todos os teus ídolos imundos, e pelo

sangue dos teus filhos que deste, por tudo isso hei de reunir todos os teus amantes, aos quais agradaste, todos aqueles que amaste e todos aqueles que odiaste, reuni-los-ei a todos aqueles que amaste e todos aqueles que odiaste, reuni-los-ei a todos e descobrirei sua nudez, para que a vejam toda. Impor-te-ei o castigo das adúlteras e das que derramam sangue: entregar-te-ei em sangue, com furor e ciúme, entregar-te-ei às suas mãos e eles deitarão por terra a tua colina, arrasarão os teus lugares altos, despir-te-ão de teus vestidos, tomarão os teus adornos e te deixaram totalmente nua. (Cf. Ez 16, 35-39).

No capítulo 23, a ideia se repete:

Ela entregou-se à fornicção com eles- com toda a elite dos assírios – e com todos aqueles pelos quais se deixou seduzir, contaminando-se com todos os seus ídolos imundos. Não abandonou suas fornicções, que vinham desde o Egito, onde já dormiam com ela na sua infância, apalpando-lhe os seios virginais e entregando-se à fornicção com ela. Por isso entreguei-a nas mãos dos seus amantes, nas mãos dos assírios, com quem ela se deixou seduzir. Estes descobriram sua nudez, apoderando-se dos seus filhos e das suas filhas, mas a ela mataram-na à espada. O seu caso ficou famoso entre as mulheres, porque ela sofreu castigo. (Cf. Ez 23. 7-10).

A partir da análise destes trechos, Israel é encontrada na figura de uma esposa como reposta profética para comunicar os termos da aliança. Iahweh se apresenta como um marido que quer ter uma relação profunda e exclusiva com o povo liberto por ele, em promessa já antecipada à Abraão. Torna-se evidente que a maneira com que Deus resolve o desenredo do pecado, para não revogar seu projeto, é a aliança de caráter nupcial. Esta é uma verdade confirmada pelos profetas que, atuados pelo Espírito, não proclamam uma novidade, mas anunciam a vivência desta relação em fidelidade.

2.2.5 A linguagem presente: Deus usa sua ideia criativa

No AT, há muitas imagens da aliança Deus-Israel. Mas, dentre elas, a do esposo que ama fielmente fazendo de tudo para que sua amada não se afaste da sua presença, é sem dúvidas, uma máxima para representar Seu amor. Como vimos, essa máxima está presente no discurso dos profetas, principalmente em Oseias, que é um protagonista em relação ao tema. Contudo, o tema não se esgota nele, muito antes dele se fazer presente na história de Israel, a analogia já estava posta, como comenta Balthasar:

Muito antes de Oséias, o tema da Aliança como união matrimonial entre Deus e o Povo já estava vivo em Israel. Assim é dado ao povo o direito de Deus e do seu amor - um amor ciumento e exclusivo, um amor dominador, mas que, no entanto, se apegava totalmente, se inclina para a mulher e espera uma reciprocidade exclusiva. (BALTHASAR, 2001, p.202-203, tradução nossa).

Segundo Balthasar, a linguagem presente refere-se ao amor exclusivo com que Deus ama e a maneira com que ele mesmo quis se apresentar: como um marido fiel e zeloso. Nos desdobramentos dessa apresentação se inserem os profetas e a literatura que também faz uso da mesma imagem. A aliança como união matrimonial é a possibilidade de reciprocidade com que o povo pode inclinar-se à vivência com Deus. Esse estilo adotado não é somente temático, mas remete aos princípios estabelecidos pelo esposo que usa sua obra, sua ideia criativa, para revelar-se nas categorias criadas por ele mesmo. Neste sentido, o vínculo profundo e íntimo com que o povo é convidado a viver sua relação com aquele que propôs a aliança é expresso na temática de um amor esponsal.

2.4 Cântico dos Cânticos

Não é apenas no profetismo que encontramos analogias da relação nupcial Deus-povo. O livro de Cântico dos Cânticos também é, por diversas vezes, lido desta forma. Ao longo da história, muitas reflexões foram feitas acerca do bem-amado de Cânticos como Deus e, por conseguinte, Israel como a bem-amada representada no livro. Essa foi a leitura tradicional do judaísmo como comenta Leloup:

Ele/Ela é o desejo de dois seres humanos rumo à união ou à unidade. Mas “Ele” segundo a leitura tradicional do judaísmo, é YHWH/Deus, o Bem-amado do povo de Israel, e o *Chir ha Chirim* conta a história de amor desse povo para com seu Deus, presente/ausente, terno, justo, à espera do *Messias* que realizará a unidade tão desejada e bem diferenciada do Criador e da sua criatura. (LELOUP, 2019, p. 42).

Em decorrência dessa interpretação, o livro também foi incorporado como alegoria da relação de Cristo e a Igreja, uma vez que essa se torna imagem ápice do amor bíblico:

“Ele”, segundo a leitura cristã, é o Cristo, o Messias que já veio e que ainda virá, o Bem-amado, o Esposo da Igreja, a comunidade de todos os crentes

que aderem à encarnação e à manifestação de YHWH/Deus em Yeshua, o eleito, o enviado. (LELOUP, 2019, p. 42).

Para além dessa reflexão, porém, é necessário compreender a ousadia do livro em apresentar, dentro do seu contexto histórico, o amor escancarado de um homem e sua amada. “O Cântico é, pois, antes de tudo a celebração do amor humano, e todos os seus 117 versículos se resumem naquela célebre profissão de amor da mulher: “O meu amado é meu e eu sou dele”. (RAVASI, 1988, p.5). Nessa perspectiva, o biblista Gianfranco Ravasi chama a atenção ao fato de que fazer uma leitura simplesmente alegórica do livro é uma tentação para a Igreja.

Ravasi reconhece que ao longo dos séculos, a interpretação metafórica teve sucesso. Os símbolos, a linguagem tida como cifrada aludindo aos personagens foram importantes, mas nesta linha interpretativa, às vezes, havia medo em relação a carga erótica retratada no bem-amado e na bem-amada. “Despojavam-se assim os símbolos e os temas de toda referência concreta para transformá-los em ‘alegoria’, isto é, numa metáfora contínua, numa contínua alusão a valores espirituais”. (RAVASI, 1988, p. 19). Por essa razão, o biblista realça a importância de refletir a relação do amor encarnado retratado no livro.

Todavia, o autor faz a seguinte ressalva: “no amor humano está posta como que uma centelha que aponta para o amor infinito de Deus”. (RAVASI, 1988, p. 5). Partindo das palavras de Ravasi, podemos nos perguntar: se no amor humano está uma centelha do amor infinito de Deus, ele não contém sua revelação? A relação humana apresentada, não poderia de alguma maneira apontar também para a relação de Deus com o povo? A alegoria é realmente uma oposição ao amor literal? Estaria o amor de Deus pelo povo, antagônico ao amor encarnado da bem-amada e do bem-amado?

Responder à essas perguntas não é uma tarefa fácil, ainda mais quando as interpretações do Cântico são, por vezes, polarizadas. Este fato, sem dúvidas, se deve a toda construção histórica interpretativa. Sabemos que foram muitas controvérsias para manter o Cântico no conjunto dos livros bíblicos, e que uma das condições para que assim se fizesse, foi abandonar a leitura natural “em favor da leitura alegórica que evoca os amores do povo ou da Igreja pelo seu Deus”. (LELOUP, 2019, p. 36).

Por outro lado, Leloup pontua que foi no séc XIX que foram dadas interpretações mais naturalistas ao Cântico, e que a psicologia passou a ter a

primazia sobre os números da mística. “A Alusão aos seios e às coxas da bem-amada bastam para fazer dele um poema puramente erótico”. (LELOUP, 2019, p. 9). Ganha-se uma interpretação, perde-se o sentido de outra. Contudo, o autor ressalta que cada um lê o Cântico como é, e isso depende da capacidade de abertura de cada olhar. “Cada um aborda o texto com seu temor e seu deslumbramento, sua ciência e seu desejo... Quanto mais avançamos em profundidade no Cântico, mais a sua luz se torna obscura... Pois o Amor não é fácil”. (LELOUP, 2019, p. 11).

A questão para Leloup é que essas diferentes leituras mais se completam do que se contradizem. A confusão começa quando uma delas quer ser a única interpretação possível e aceitável. Então os cantos se tornam apenas discursos. “Nós não ouvimos mais” (LELOUP, 2019, p. 9). É neste momento que corremos grande perigo, pois “a palavra que era, antes de tudo, louvor, torna-se argumento e polêmica, antes de cair em letras mortas”. (LELOUP, 2019, p. 9).

Perdemos a beleza do canto vivo que o livro proporciona ao escolher e reduzir à uma ou outra interpretação. A mulher ou Israel frequentemente debatidas se apresentam como “caminhos, sinais, e é preciso caminhar mais longe... A palavra apaga-se no sentido, e o próprio sentido deve ceder lugar a um canto puro”. (LELOUP, 2019, p.12). Talvez, este canto possa ser entoado num casamento entre as leituras, não em um divórcio. Afinal, quanto “mais lemos o Cântico, menos encontramos seu sentido e mais encontramos seu “charme”. (LELOUP, 2019, p.11).

2.4.1 O eco de gênesis e a voz não ouvida

“*Dodîlwa’anîlô*, “o meu amado é meu e eu sou dele”: essa intensa confissão que o Ct repete duas vezes (2,16 e 6,3) é a síntese ideal da mensagem deste livro bíblico” (RAVASI, 1988, p. 182). Os trechos, sem dúvida, absorvem toda a mensagem. A beleza do que é narrado faz eco ao que já foi apresentado anteriormente, de modo que, não é possível reler Cânticos se não na linha do Gênesis, como expõe Ravasi:

“Não é possível relê-lo senão na linha do que está escrito em Gênesis como testemunho do ‘princípio’. O Ct demonstra a riqueza da linguagem do corpo, cuja primeira expressão já está em 2,23-25... O mesmo fascínio- que é assombro e admiração do homem por sua mulher- flui através dos versículos do Ct numa onda plácida e homogênea do início até o fim”. (RAVASI, 1988, p.183).

A novidade do Cânticos em relação ao Gênesis é a voz da mulher ouvida na confissão do amor que ela possui. Também, na descrição que ela faz sobre o bem-amado. Na boca da mulher se escuta seus pensamentos mais profundos, é o eco da voz não ouvida no texto de Gênesis, mas que ganha notoriedade no Cânticos. O amor sublime e poético do livro inclui as palavras da bem-amada, a “igualdade agora é plena, o diálogo, perfeitamente completo”. (RAVASI *apud* BARTH, 1988, p.185).

É esta voz, outrora silenciada, que responde: “*Meu amado é meu e eu sou dele, do pastor das açucenas!*” (Cf. Ct 2.16), trazendo em suas palavras uma fórmula de pertença. A bem-amada é de um amor. Nessa célebre frase, também escutamos ecoar outra: “*Tomar-vos-ei por meu povo, e serei o vosso Deus*” (Cf. Ex 6.7). Israel também possui uma pertença, ela é propriedade de seu marido. Mesmo sendo por diversas vezes infiel, o esposo permanece em fidelidade, revelando o amor como uma das experiências mais transcendentais e misteriosas da vida humana.

2.4.2 Beija-me com os beijos de tua boca: o Sopro do Espírito, na carne!

“Depois do título que coloca o livro sob o patrocínio do rei Salomão, o Ct se abre com esse apaixonado solo da mulher”. (RAVASI, 1988, p. 39). É a voz da bem-amada, ouvida nos teus anseios para o bem-amado. “O amado e a amada, abraçados no Éden recriado, louvam-se mutuamente, lembrando o que de mais belo Deus criou”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 73). É um louvor tão intenso que o livro enuncia este desejo: “*Que me beije com os beijos de sua boca!*” (Cf. Ct 1.2).

Beijar, “-*nashak* em hebraico- significa ‘respirar junto’”. (LELOUP, 2019, p.43). Há um vislumbre do Sopro que vimos Deus conceder ao homem. A imagem do beijo “transmite com seu hálito a vida: *Deus modelou o homem com o pó da terra, insuflou em suas narinas um hálito de vida*”. (HERNÁNDEZ, 2016, p.33, grifo do autor). Esse hálito é o que une dois semelhantes, literalmente. É o ato “no qual as duas bocas se buscam como se fosse para transmitir uma à outra o mesmo respiro e a mesma vida”. (RAVASI, 1999, p. 40).

Leloup assinala que devemos conhecer os limites do poema que está distante do beijo, porém, a “Escritura mantém-se ali, em lembrança do Sopro, testemunha do Alento”. (LELOUP, 2019, p. 10). O desejo pelo beijo não é uma alegoria, é literal, mas a Escritura testemunha que ele só é possível por causa do Sopro que concedeu a vida e que permite que essa relação aconteça. Para além, esse amor encarnado

também é imagem, como visto no anúncio profético, da relação com Deus que concedeu esse mesmo Sopro, tornando Seu povo portador desta mesma graça, para relacionar-se com o Seu amor.

É por causa do Sopro divino na carne que a relação do bem-amado e da bem-amada é possível. Não encontramos aqui, o que será todo o cristianismo: “Ver o Espírito na carne? Deus no ser humano perecível? O amor em carne e osso animado pelo Sopro?”. (LELOUP, p. 36). Carne sem Sopro é apenas um cadáver ou uma vaga poeira. Sopro, Espírito sem carne não passa de vento, interpela Leloup que, continua a argumentar: se de alguma maneira existe esse antagonismo entre carne e sopro, “não teria sido para resolvê-lo que o “Verbo se fez carne”, ou seja, encarnou, pois o Amor/Deus ou YHWH/Ágape só pode se manifestar em um corpo, seja um corpo cósmico ou um corpo humano?”. (LELOUP, 2019, p. 36).

O Cântico nos convida a descobrir o Sopro, o terceiro que se faz presente nessa história, que “está entre os dois e que ali permanece, para que não haja nem fusão, nem separação, nem mistura, nem exclusão” (LELOUP, 2019, p. 45). É neste sentido que a relação do bem-amado e da bem-amada, destes dois que respiram juntos, “pode tornar-se o lugar, a revelação, a encarnação daquilo que chamaremos de Amor/Deus (*Ágape/ O Theos*)”. (LELOUP, 2019, p. 34, grifo do autor). A cada inspirar e expirar, é a ação de Deus se fazendo presente. É um paradoxo interpretativo observar que a relação humana literal, todo desnumbramento de um para o outro, o amor encarnado neste casal, é possibilidade de também experimentar o amor de Deus.

Por isso, a história do casal do Cântico, nos leva a essa “aporia existencial, que nos conduz a história, a aventura deste Bem-amado com a sua Bem-amada. É a aventura da nossa relação com o outro, da nossa relação com Deus”. (LELOUP, 2019, p. 46). É por este caminho, aparentemente antagônico que se expressa a sabedoria do amor. Para mostrar isso, porém, o Cântico não apresenta um discurso teórico, mas narra uma série de aventuras.

Neste sentido, identificar Deus no Cântico é perceber que os “*beijos de tua boca*” podem também ser um desejo pelos tempos messiânicos, “onde Israel não mais esquecerá de praticar a Lei e, conseqüentemente, de respirar junto com Adonai/Deus” (LELOUP, 2019, p. 43). Também, um desejo por um “Novo Pentecostes, no qual os discípulos, sob a influência do Espírito, foram considerados “ébrios do doce vinho” (LELOUP, 2019, p.43).

Seja um beijo alegórico ou literal, “nos dois casos há “metamorfose” do tempo. O místico e o amoroso são “filhos do instante”, deste instante que abre-se ao eterno (*kairos*)” (LELOUP, 2019, p. 47, grifo do autor). Beijo místico ou carnal, é somente por meio do Sopro que podemos interpretá-lo, seja na relação íntima com o Eterno, ou no amor de dois seres reais que respiram juntos, num amor profundamente encarnado.

2.4.3 Deus *Absconditus* e *Revelatus*: Uma teofania no Tu

No Cântico, o Nome de Deus não é referenciado, “mas a expressão “Bem-amado” (*Dodi*), pela qual a mulher (a alma) chama “aquele que seu coração ama” será pronunciada 26 vezes. Na guematria, o número 26 é o número de YHWH ” (LELOUP, 2019, p. 34). Nenhum detalhe é simplista ou sem sentido, há sempre uma mensagem possível de interpretação. O nome de Deus não está aparente, permanece oculto. Mas este aparente ocultamento revela-se, ironicamente, em sua ocultação. Na ausência do Nome escrito, o mesmo Nome incorpora-se na história, na confissão de amor da bem-amada. O Deus que é mistério se revela no outro, no bem-amado, como “um ícone do inefável”. (LELOUP, 2019, p. 48).

O Bem-amado dá testemunho do eterno, de modo que, o Deus *Absconditus*, torna-se *Revelatus* sem deixar de ser *Absconditus*. Se revela sem deixar de ser mistério, está presente no Nome ausente, mas que se faz presente. Presente/ausente, revela-se e esconde-se. A relação do casal torna-se teofania, Deus se revela no Tu, na face do outro, sem tornar-se protagonista. É o bem-amado por excelência, sem deixar que o Rei, ao patrocínio de Salomão, não o seja.

Ele prefere ser o terceiro que une o casal como um sacramento do Seu amoroso mistério trinitário. “O ponto onde esse instante, onde o dois da dualidade torna-se o Um da Trindade, o um diferenciado de uma aliança. É em louvor desse “Ele” desconhecido, que pela graça do amor, tornou-se um “tu” amado”. (LELOUP, 2019, p. 49).

2.4.4 Casamento da alegoria e literalidade

Posto cada argumento, percebe-se que fazer uma leitura alegórica, não deve jamais arrancar-nos da realidade concreta, não há divórcio. Pelo contrário, a alegoria

deve produzir no sujeito um chamado à vivência da sua realidade, pautada nos princípios revelados por Deus. Nesse sentido, é que no amor humano, percebe-se o amor divino. Ser imagem e semelhança de Deus, como vimos no primeiro capítulo, não acontece em outro lugar, se não na realidade concreta, que revela a comunhão dos esposos como reflexo do amor trinitário.

“O ser humano é um ser de relação, é dessa maneira que ele é a imagem e semelhança de Deus, ele próprio é o Ser em relação, “Ser com”, um “Eu estou contigo”, um Eu que fundamenta o Tu e que é fundamentado pelo Tu” (LELOUP, 2019, p. 106). Essa realidade, como argumentado por Ravasi, é apenas uma centelha do amor infinito de Deus. Por isso, podemos ao mesmo tempo fazer uma leitura alegórica e também concreta. Alegórica em relação a Deus, pois nossas categorias de linguagem e comunicação são insuficientes para expressar a totalidade de quem Deus é. Concreta, porque falamos de uma experiência concreta que acontece em lugar real e palpável.

Paulatinamente vamos percebendo que é justamente na literalidade humana que reside uma alegoria do divino, porque esta humanidade é uma imagem, uma representação de algo maior que ela mesma. A máxima proposta então, é a busca em viver a plenitude dessa possibilidade. O Cântico é um livro que mostra a experiência humana de encontro, no amor do casal. A partir dessa relação pode-se encontrar quem permitiu vivê-la, pois falar do criador só é possível através de Sua obra.

Deste modo, através “do semblante do outro, Deus não nos vem à mente. Ele deixa de ser uma ideia, Ele torna-se um encontro”. (LELOUP, 2019, p.107). Assim, observar este encontro é também encontrar-se com a ação de Deus, já que essa relação “deve ser incessantemente entretida; sim, entre-ter, manter unido aquilo que está ‘entre’. Deus é esse ponto inacessível onde se encontram dois olhares, aquilo que se mantém ali, entre” (LELOUP, 2019, p.108).

Portanto, uma leitura alegórica do livro não deve se opor a uma leitura que remete a relação humana apresentada. “O amor de Ct é fusão de eros e de ágape na plenitude do encontro entre duas pessoas. O amor é experiência estimulante e excitante do belo, do fascínio, do estético: físico e espiritual” (RAVASI, 1988, p. 192). Ler o livro de Cânticos é observar o divino através da relação dos personagens. É encontrar nela, o Deus esposo e sua amada que é o seu povo, vislumbrando a reflexão que também encontrou ali, Cristo e a Igreja.

À guisa de conclusão deste segundo capítulo, fica evidente que a esposa também representa o povo de Deus. Ela não é uma personagem individual que se finda no Gênesis na figura de Eva. Pelo contrário, encontra nela, o fundamento que perpassará a escritura. Aqui, como vimos, encontrou lugar nos profetas e no Cântico dos Cânticos. Em seu sentido mais profundo, é Deus usando sua obra, sua ideia criativa, a fim de permitir que façamos experiência do Seu mistério trinitário.

Como exposto no primeiro capítulo, a união matrimonial é uma possibilidade de experienciar a vida de Deus na comunhão dos semelhantes. Por isso, a imagem é tão importante dentro da aliança estabelecida com Deus no AT. Contudo, a personagem não se esgota na história de Israel, ela não termina sua aparição bíblica na literatura veterotestamentária, há ainda um encontro com o cume dessa revelação. Com isso, ao concluir o AT, percebemos que a história ainda não chegou ao seu lugar ápice. Não importa em que ordem se lê o AT, se no modelo das nossas bíblias ou de acordo com o cânon hebraico, “acabamos com a percepção de que a história deve culminar em algum lugar que ainda não chegou “. (WRIGHT, 2019, p. 84).

O AT preparou o anúncio profético messiânico, esse é o lugar que o veterotestamento toca: o Deus Esposo não se limitou as fronteiras de Israel. “O que Deus faz em prol de Israel é o que está fazendo em relação ao mundo inteiro. É isso que quer dizer ser Israel, ser o povo de Deus, que, para melhor ou pior, carregou o destino do mundo sobre os ombros”. (WRIGHT, 2019, p. 92). Ao longo desse caminho percorrido, percebemos que Deus se revelou “ao povo eleito em Abraão como o Seu Esposo, para mostrar a esse povo a profundidade do Seu amor. A Aliança de Deus com Israel, o povo eleito, foi a preparação para o mistério da Igreja” (AQUINO, 2002, p.25).

CAPÍTULO III

3. A ESPOSA NA BÍBLIA: A IGREJA E A NOVA JERUSALÉM

No segundo capítulo percebemos quão importante era a imagem do amor esponsal para expressar o amor de Deus por Israel dentro da dinâmica da aliança. Contudo, o AT termina dando-nos a sensação de que ainda não chegou ao seu destino. Por isso, é extremamente necessário a inter-relação dos testamentos para compreendermos melhor a temática. A figura da esposa não se dissipa na literatura veterotestamentária, pelo contrário, continua a ser personagem necessária para expressar o sentido amoroso do mistério divino. Seu ápice no enredo bíblico se dá na relação neotestamentária com a paradigmática figura de Cristo.

A bíblia toda é uma obra de literatura e compreendemos melhor o NT, “quando, como os evangelistas e apóstolos, lemos os escritos proféticos com os olhos abertos por Jesus Cristo. A relação entre os Testamentos não é de simples sucessão e desenvolvimento, mas de inter-relação e continuidade vital”. (SCOTT, 1968, p. 203). Deste modo, na pessoa de Cristo está reunido tudo que foi anunciado anteriormente. Não há quebra, mas uma relação que se revela plenamente no NT. Jesus vem cumprir tudo o que está no AT; olhando para toda a história de Israel, aponta o caminho da verdade, mostrando como se deve vivê-la. Ele é a Palavra e o revelador do mistério do Pai, da sua justiça e misericórdia.

Para Schweitzer, em Jesus o “transcendental e o atual achou-se numa unidade que está cheia de vida e força”. (SCHWEITZER, 2005, p. 277). Segundo o autor, é uma unidade criativa, não reflexiva, que não necessita abandonar as ideias tradicionais por explicações mais didáticas, mas que as supera numa união paradoxal. Em Jesus resiste o anúncio profético e também a esperança futura; nele se configura as imagens anteriormente preparadas e, dentre elas, a do Esposo que ama fielmente, como afirma Magnolfi:

“Nos oráculos dos profetas, de fato, o nome de esposo dava-se àquele que viria restaurar Israel; por isso, atribuindo-se esse título, Jesus deixa entender que Ele realiza o que fora dito a respeito da ação divina. O Esposo é Ele. (MAGNOLFI, 1984, p. 137).

É no progresso do diálogo entre Deus e Seu povo, diante da infidelidade já

exposta, que o anúncio da vinda do Messias é a resposta para todo o conflito veterotestamentário. O AT preparou profeticamente a chegada do Messias e, o próprio Jesus configura em Si o cumprimento de todo esse anúncio. Nesse sentido, o Deus-Esposo, apresentado em todo esse percurso, encontra em Jesus sua plena realização. “A aliança, vivida por Israel com suas infidelidades, chega à sua plenitude em Jesus Cristo, onde se dá a recriação do “princípio”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 9).

Jesus nos leva ao encontro da história já narrada, mas que culmina em sua ação, gestos e palavras. Deus se fez presente na história de Israel, e isso é ainda mais evidente com a manifestação do Esposo encarnado. A história de Jesus é a história de Israel e a vivência da aliança realizada nele é a maneira de participar do seu reino que os profetas tanto anunciaram. “Os profetas, bocas de Deus, nos iluminam o mistério do amor de Deus, apresentando seu amor com o símbolo do amor do homem e da mulher”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 8). É neste íterim que percebemos a literatura neotestamentária absorver de modo ainda mais profundo a relação sponsal.

Deste modo, este terceiro capítulo busca mostrar que Cristo e a Igreja ocupam um lugar de destaque nessa narrativa que continua a ser desenvolvida pelo NT, levando a relação Deus-Esposo com a Esposa-povo até o fim do enredo: a esperança escatológica de um mundo novo apresentado no livro do Apocalipse. A imagem matrimonial não só inicia a história bíblica e passa pelos profetas na dinâmica da aliança, como também a conclui. Essa é a contribuição do NT para o tema, levar a relação sponsal até o fim, mostrando que se em Adão e Eva iniciasse o desenredo, em Cristo e a Igreja, realiza-se uma nova criação. “Com a morte de Jesus, a obra está completa. Apenas agora e desse modo exclusivo, a nova criação pode acontecer”. (WRIGHT, 2020, p. 230). A figura da esposa passa pelos evangelhos, pelas cartas e termina sua aparição na literatura apocalíptica.

3.1 Igreja

Deus veio ao encontro do Seu povo literalmente, não é uma alegoria. A aliança realizada nEle, continua a ser apresentada em termos nupciais. Por essa razão, alguns fatos são importantes para refletir a Esposa como figura da Igreja; o

próprio Jesus em diversos momentos apresenta-se como o “noivo”, o “esposo”. Em outros, é também exposto por seus seguidores desta forma, como vemos no encontro da fala dos profetas na boca de João Batista: *“Quem tem a esposa é o esposo, mas o amigo do esposo, que está presente e o ouve, é tomado de alegria à voz do Esposo”* (Cf. Jo 3.29). Ou ainda, com o apóstolo Paulo: *“Experimento por vós um ciúme semelhante ao de Deus. Desposei-vos a esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura”*. (Cf. 2Cor. 11.2).

Para adentrarmos nessa reflexão, porém, vamos partir da milagrosa concepção de Jesus; o modo como Deus se encarnou na história é um importante momento do Seu modo de agir que traz luz à temática esponsal. Essa aliança de caráter nupcial, é vislumbrada em primeira instância no “faça-se em mim segundo tua palavra” (Cf. Lc 1.38) de Maria. A partir da imagem anunciada pelos profetas, o enredo bíblico atinge o seu clímax. “No ventre de Maria, a cena principal da história foi inaugurada: Jesus em Maria, a Igreja escondida. A menina trouxe Cristo ao mundo; com ele, sua amada”. (PAZETO, 2021, p.11)

3.1.2 A obra engendrada em Maria

A bíblia afirma que Jesus foi concebido “por uma obra milagrosa do Espírito Santo, sem a participação de um pai humano”. (GRUDEM, 2019, p. 338). Depois de todo o drama da história de Israel, nos deparamos com a cena da anunciação da encarnação dada à Maria. O texto do evangelho lucano nos apresenta preciosos detalhes.

Primeiro, na saudação do anjo contendo palavras que se referem a Maria como cheia de graça (Cf. Lc 1.28). Esta graça é manifestada no desdobramento das palavras que anunciam o que ocorrerá: *“Eis que conceberá no teu seio e darás à luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus”* (Cf. Lc 1. 31). Maria, contudo, consternada com o modo do anjo ao referenciá-la, argumenta: *“Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?”* (Cf. Lc 1.34).

O termo contido na indagação é *ginosko*, que significa “conhecer”. Segundo Coenen e Brown, o termo é “usado, principalmente, para traduzir palavras formadas da raiz heb. *yāda'* que tem uma gama muito larga de sentidos”. (COENEN; BROWN, 2000, p. 395). Já incorremos o uso de *yāda'* no segundo capítulo e indicamos que o

termo, dentro da literatura veterotestamentária, representava em alguns contextos, uma relação íntima. Na cena relatada entre o anjo e Maria, isso parece encaixar-se perfeitamente. A pergunta ressoa o fato dela ser uma moça virgem, como então poderia gerar se ainda não “conhecia” (heb. *yāda'*, gr. *ginosko*) homem? Mais uma vez, o “conhecimento”, como vimos com os profetas veterotestamentários, é usado para exemplificar uma relação de intimidade.

Duvida-se que no emprego helenístico, o sentido de relação sexual derive do termo *ginosko*. No entanto, o contexto em que ele é colocado na boca de Maria, está inclinado para este sentido, fato evidenciado por ser a tradução de outra palavra hebraica que também manifesta essa definição. Salta do texto lucano, que a obra realizada em Maria é mesmo divina, humanamente era impossível a menina conceber. Mateus testifica a ideia deste “conhecer” apresentado por Lucas: “*sem que tivessem coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo*” (Cf. Mt 1. 18).

A resolução da indagação aparece na resposta do anjo: “*O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra*”. (Cf. Lc 1. 35). O termo que faz referência ao Espírito Santo no NT é *Pneuma*, tradução grega do hebraico *Ruah*. O que foi insuflado nas narinas de Adão para gerar vida, é experimentado por Maria, para que a vida do “último adão” (Cf. 1Cor 15.45) pudesse ser gerada nela.

Levison (2022) enfatiza o fato de que o Espírito Santo é atuante na história de Israel e não é propriedade da Igreja, tanto é, que antes mesmo que houvesse uma Igreja para inspirar, ele cobre Maria com sua sombra. Esse encobrimento é exemplificado pelo poder que vai se apoderar dela e realizar a obra divina para manifestar Sua ação. É a *dynamis* (poder) do Espírito (*pneuma*). “Lucas liga este poder, dado por Deus, com o Espírito Santo em Lc 1:35; 4:14; At 1:8; 10:38”. (COENEN; BROWN, 2000, p. 1694). É o mesmo termo empregado acerca da manifestação que os discípulos receberiam em pentecostes.

É uma menina que por antecipação recebe a *dynamis* do *pneuma*, antes que toda comunidade de crentes pudesse provar desta graça anunciada. Maria prova de um verdadeiro pentecostes e agora é ela quem empresta seu corpo literalmente para Deus realizar uma nova obra. Esta obra, porém, não se limitou apenas a ela, em seu famoso encontro com Isabel, há um compartilhamento da vida que está nela, de modo que, Isabel também tem seu ventre cheio da presença do Espírito (Cf. Lc 1. 41).

3.1.3 De *Ruah* para *Pneuma*

“A raiz gr. *pneu-*, da qual se deriva a palavra neo-testamentária para ‘espírito’, denota o movimento dinâmico do ar”. (COENEN; BROWN, 2000, p. 713). Seus derivados podem significar, “soprar”, “respirar”, “emitir fragrância”. De modo geral, *pneo*, refere-se ao soprar do vento e do ar. A palavra une-se ao “sufixo -ma e denota o resultado desta ação, a saber, colocar o ar em movimento, sendo que o ar é considerado uma substância especial, e com ênfase subjacente sobre seu poder inerente”. (COENEN; BROWN, 2000, p. 713).

Observa-se que a palavra hebraica equivalente para *pneuma* é quase sempre *ruah*, “no que diz respeito às traduções de *ruah*, *pneuma* predomina, isto porque em 377 ocorrências de *ruah* no Texto Massorético, *pneuma* traduz 264 delas, sendo que a tradução mais freqüente depois desta é *anemos*, “Vento”. (COENEN; BROWN, 2000, p. 715). Cantalamessa testifica que o primeiro nome que os destinatários da revelação conheceram o Espírito foi *ruah*, e depois, a outra fase que o nome do Espírito passou foi *pneuma*. É assim que identificamos o Espírito no NT.

Contudo, Cantalamessa também alerta que a tradução de significado, “vento” e “sopro” são bem mais “do que dois meros símbolos do Espírito Santo. Símbolo e realidade estão, aqui, de tal modo ligados entre si, que ficam encobertos pelo próprio nome”. (CANTALAMESSA, 2014, p. 29). É difícil traduzir em “nome” a ação que o Espírito realiza, por essa razão, precisamos observar os sinais realizados e as marcas deixadas por Ele.

3.1.4 O primeiro sinal: o vinho do casamento

“O relato do ministério público começa agora, embora esse primeiro sinal (2.1-11) possa ser mais bem rotulado de ‘semipúblico’, já que aparentemente somente os servos e os discípulos tiveram conhecimento da fonte de vinho (vv.9-11)”. (CARSON, 2007, p. 166). Esta história que acontece em Caná, na transformação da água em vinho, é interpretada de muitas formas, “incluindo algumas altamente especulativas ou alegóricas”. (CARSON, 2007, p. 166).

O evangelho segundo João trabalha a ideia de “sinais” e insiste que o propósito de apresentá-los é convencer os leitores da identidade do Filho de Deus. Nesse sentido, é interessante perceber que o Filho de Deus poderia começar seu

ministério realizando qualquer outro tipo de sinal, mas dá-se início a eles, num casamento. Como já visto, a imagem do casamento é o arco que permeou o anúncio profético acerca da aliança. Agora, porém, diante de uma nova aliança que será realizada em Jesus, temos o casamento como ponto de partida destes sinais.

Maria também está nesta festa e a primeira referência que dará o desfecho dos acontecimentos, é a constatação contida em suas palavras: “*Eles não têm mais vinho*” (Cf. Jo 2. 3). Jesus, porém, responde: “*Mulher, que tenho eu para fazer contigo? Ainda não é chegada a minha hora*” (Cf. Jo 2. 4). Esta expressão acerca da hora que ainda não chegou, “constantemente se refere a sua morte sobre a cruz e à exaltação ligada a ela (7.30; 8.20; 12.23; 27; 13.1; 17.1), ou às consequências derivadas dela (5.28,29)”. (CARSON, 2007, p. 171).

Carson pontua que não seria antinatural entendê-la de qualquer outra forma aqui. “Mas como isso poderia ter sido uma resposta para Maria? E o que se esperaria que o leitor entendesse a partir de uma referência tão enigmática?”. (CARSON, 2007, p. 171). Aparentemente, Maria deseja que “o casamento termine sem embaraços; Jesus lembra que os profetas caracterizaram a era messiânica como um tempo quando o vinho fluiria liberalmente”. (CARSON, 2007, p. 171).

Em outros momentos nos evangelhos, Jesus usa a simbologia do casamento para a consumação da era messiânica. Por essa razão, Jesus “está inteiramente correto ao dizer que a hora do grande vinho, a hora da sua glorificação, ainda não chegara”. (CARSON, 2007, p.172). Também é possível que “o evangelista veja uma conexão com 3.27-30, em que se identifica Jesus, e somente Jesus, como o noivo messiânico. Assim, ele suprirá todo o ‘vinho’ que for necessário para o banquete”. (CARSON, 2007, p. 173).

Outro fator importante, é que os sinais de Jesus, nunca são cruas manifestações de poder, mas “*sinais (signos)*, manifestações *significativas* de poder que apontam para além de si mesmos, para realidades mais profundas que podiam ser percebidas com os olhos da fé”. (CARSON, 2007, p.175, grifo do autor). Há um motivo para Jesus ter começado seu ministério público em uma festa de casamento.

A Escritura revela que o vinho representa a alegria e a liberdade do povo de Deus. Por conseguinte, no “casamento” entre Deus e Israel, havia acabado a alegria e a liberdade. Israel oferecia um culto vazio como afirmaram os profetas e a Lei não estava sendo usada para libertar. Com Cristo, porém, há uma nova aliança,

“chega à alegria das bodas de Deus com os homens. Mandando encher as talhas de pedra até a borda, Jesus expressa seu desejo de preencher os corações de sua alegria”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 236).

A resposta do mestre-sala em relação ao sinal é surpreendente: “*Todo homem serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já estão embriagados serve o inferior. Tu guardaste o vinho bom até agora*”. (Cf. Jo 2.10). O que João está dizendo “é simplesmente que o vinho que Jesus forneceu é inigualavelmente superior, como deve ser tudo que está ligado a nova era messiânica a qual Jesus está trazendo”. (CARSON, 2007, p.175).

Deste modo, se cumpre o anúncio profético messiânico, mostrando que “Jesus, o Esposo, muda a água em vinho e “em abundância”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 235). O tema proposto é a renovação da aliança, profetizada por Jeremias (Cf. Jr 31.31). Jesus oferece o melhor vinho em Caná como um sinal de que era o Esposo aguardado e que traria a redenção. Em sua hora, comparada em seu primeiro sinal, Ele bebe o pior vinho, como João nos apresenta (Cf. Jo 19. 29-30).

Ao entregar-se completa e fielmente por Sua amada na cruz, ele diz que tem sede e lhe oferecem vinagre. “O ‘vinagre’ (oxos) era um vinho barato e amargo usado pelos soldados”. (CARSON, 2007, p. 621). Na festa de Caná, Jesus aproxima o melhor vinho com o seu sangue que vai ser derramado. Ele dará sua própria carne em favor de Sua Esposa, deixará o melhor vinho e em troca, receberá o barato e amargo. Amará com amor visceral, para que este casamento seja inundado da perfeita liberdade e alegria.

3.1.5 O casamento: outras referências neotestamentárias

“O casamento como instituição é claramente pressuposto no NT. Não se baseia nos regulamentos humanos, mas, sim, no mandamento de Deus, conforme demonstram as referências freqüentes à história da criação”. (COENEN; BROWN, 2000, p. 298). É esta categoria criada por Deus que é utilizada para apresentar Jesus como o “noivo”, “esposo” e a Igreja responsivamente como “noiva”, “esposa”.

O NT ao referir-se a este assunto, ora apresenta o termo noiva, ora esposa. No texto grego, os dois termos que fazem referência são: *nýmpe* e *gyne*. Coenen e Brown mostram que, *gyné* “significa ‘mulher’, ‘criatura fêmea’ (Mt 9:20; Lc 13:11, em contraste com o homem, At 5:14); ‘esposa’ (Mt 5:28; 31-32; 1 Co 7:2ss); também

‘noiva’ (Mt 1:20,24; cf. Dt 22:23-24)”. (COENEN; BROWN, 2000, p. 1337). Contudo, a noiva também podia ser chamada de *gyne* porque dentro dos costumes judaicos acerca do casamento, a noiva já era considerada uma esposa. O termo é também correspondente ao “heb. 'issâh, usado para designar a primeira mulher “formada” do homem, com o sentido de “companheira” ou “esposa”.

Já *nýmpe* aplica-se “igualmente, a uma ‘virgem’, uma ‘mulher jovem’, e uma ‘jovem esposa’. (COENEN; BROWN, 2000, p. 302). Do mesmo modo que, “*nymphios* significa tanto o ‘noivo’ no casamento, o jovem prometido em casamento, e o ‘jovem esposo’. (COENEN; BROWN, 2000, p. 302). Nas passagens do AT, observamos a menção do noivo e a noiva com o pano de fundo da alegria, isso é aplicado metaforicamente ao relacionamento entre Deus e Israel e muitos dos textos neotestamentários fazem a aproximação de Cristo e a Igreja.

Em Mt 22.1-14, por exemplo, Jesus fala em parábolas, empregando “uma festa de casamento real como parábola. Como fundo histórico dela, temos o paralelismo entre Deus e o rei, o conceito da festa escatológica (cf. Is 25:6), a figura rab, das bodas do Messias com Seu povo”. (COENEN; BROWN, 2000, p. 299). Ao tratar sobre o jejum, também utiliza a imagem das núpcias para afirmar que o jejum é necessário, não quando o “noivo” se faz presente, mas quando é retirado (Cf. Mt 9. 14-17; Mc 2.18-22; Lc 5. 33-39). Nesse mesmo contexto, também introduz a questão do “vinho novo em odres velhos” que será significativa.

“As ‘núpcias’ e o banquete simbolizam o tempo da salvação (Ap 21, 2.9) e, dessa forma, a alegria que caracteriza esse banquete suprime o jejum”. (LENTZEN-DEIS, 2003, p. 103). O “noivo” representa Jesus que, ao encontrar-se com a história humana, torna possível o tempo da redenção. Lentzen-Deis expõe que isso é o cumprimento de Is 62. 5, e que esse verso “já se cumpriu e por isso se experimenta a alegria do banquete das núpcias”. (LENTZEN-DEIS, 2003, p. 104). A alegria é exemplificada no banquete conquistado por Jesus, o Esposo da Igreja.

É a imagem do amor de Deus dentro da realidade de aliança, de modo que, o casamento terrestre “será ultrapassado pela união escatológica entre Deus e Seu povo. Jesus, sendo o Messias, é o verdadeiro Noivo”. (COENEN; BROWN, 2000, p. 299). O fator preponderante para isto, é a participação em sua festa (Cf. Mt 25:1-13; cf. Lc 12:36- 40). Posteriormente, o registro da instituição da refeição messiânica como Ceia do Senhor, é vinculada a morte de Jesus. As bodas do cordeiro no Apocalipse, “significam a união final entre o Cristo triunfante e os Seus”. (COENEN;

BROWN, 2000, p. 299).

O apóstolo Paulo “também via no casamento uma figura do relacionamento entre o homem e Deus. Em Rm 9:25-26 cita Os 2:23, fazendo alusão aos nomes dos filhos de Oséias” (COENEN; BROWN, 2000, p. 300). Nos nomes dos filhos do profeta está implícito que “Javé terá misericórdia do Seu povo e o restaurará, a despeito de tudo. Paulo vê nesta promessa motivos para a inclusão dos gentios no povo de Deus”. (COENEN; BROWN, 2000, p. 300). Já em 2Cor, apresenta Jesus como o esposo a quem deve apresentar a Igreja como virgem pura (Cf. 2Cor 11. 2).

Entre as referências neotestamentárias, a carta aos efésios, sem dúvidas, apresenta uma profunda referência do mistério de união entre Cristo e Sua Igreja, selando a relação matrimonial (Cf. Ef 5. 25-32). “*Grande é este mistério*” (Cf. Ef. 5. 32), afirma o texto que retoma os termos da relação do primeiro casal da escritura para aplicar analogamente a esponsalidade de Jesus e Sua amada.

3.1.6 A obra engendrada do novo Adão: “Grande é este mistério”

Muitos autores ao longo da história da Igreja fizeram a leitura de Jesus como o novo Adão. Na carta aos Efésios há esta alusão ao retomar o direcionamento dado por Deus ao primeiro casal, aplicando-o à Cristo e a Igreja: “*Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e se ligará à sua mulher, e serão ambos uma só carne. É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e sua Igreja*”. (Cf. Ef 5. 31-32).

A expressão “deixar pai e mãe” faz memória ao texto do Gênesis (Cf. Gn 2.24), mas o modo que os versos se desdobram, demonstram que o autor está mais interessado na relação de Cristo e a Igreja como um modelo a ser seguido, do que propriamente discorrer um tratado da relação matrimonial. É a relação de Jesus e Sua amada que é aplicada na ordenança dada ao primeiro casal.

No primeiro capítulo, vimos que a obra engendrada de Adão (Eva) decorre de alguém que carrega a semelhança divina. Adão era portador da *Ruah*, do “Sopro” de Deus e, quando sua correspondência é criada, não há menção de uma ação direta de Deus para que Eva receba esta mesma ação. O Espírito é compartilhado com ela, já que os dois são semelhança de Deus, a partir da obra realizada em Adão que se torna “matéria prima” de sua esposa. É nesta ação que Eva recebe o que ele tem. Claro que, como também já abordado, não somos

capazes de definir a origem material do primeiro casal, mas podemos observar o arquétipo que torna possível perceber o sentido profundo do “grande mistério” da relação Cristo-Igreja.

“Depois da visão inicial da Escritura, que mostra o homem e a mulher na beleza de seu ser e de seu encontro, o Gênesis evoca a ruptura entre homem e Deus e, conseqüentemente, entre o homem e a mulher”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 9). Contudo, é Cristo que torna possível a reconciliação, fazendo nascer dela, também sua correspondência. “Cristo, novo Adão, tem uma esposa: a comunidade cristã”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 10).

3.1.7 O Sopro divino: “carne da minha carne”

A Igreja “nasce” da morte e ressurreição de Jesus. Em relação ao primeiro Adão, Eva nasce de seu “sono” (*Tardêma*), resultado da intervenção divina; a diferença da obra realizada em Cristo é que ela não deixa margem para alegorias, o sono da morte de Jesus não é um arquétipo. Na crucificação literal, “a Igreja nasceu do lado aberto como Eva (esposa e mãe) de Adão”. (KLOPPENBURG, 1971, p. 41).

Assim como de “Adão adormecido foi formada a mulher, assim de Cristo adormecido na cruz foi formada a Igreja incorporada a Ele”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 15). O ponto primordial a ser mais uma vez afirmado, é que na relação do primeiro casal não podemos atestar o lado aberto de Adão, mas a Igreja, Esposa de Cristo, nasce da carne do seu “marido”. Esse é um ponto de unidade em qualquer tradição cristã, em contraponto as interpretações do texto de Gênesis. Todos que professam a fé em Jesus confessam Sua morte e isto não é uma alegoria.

Percebemos outro paralelismo já abordado no primeiro capítulo: o humano foi criado em uma dimensão amorosa superior, que o segundo Adão também não conteve o “Sopro” para si, mas literalmente tornou-se “matéria prima” de Sua Esposa em sua própria carne. João dá testemunho: “*Está consumado!*” *E, inclinando a cabeça, entregou o Espírito*” (Cf. Jo 19.30). Jesus rendeu o *pneuma*, através da morte em seu próprio corpo.

Este fato narrado por João revela que agora a obra está completa. “Eis o porquê, no relato de João, as últimas palavras de Jesus são descritas como: ‘Está feito’ (19:30)- em outras palavras, ‘está concluído’ ou ‘consumado’. O eco é de Gênesis: ao fim do sexto dia, Deus *concluiu* toda a obra que fizera”. (WRIGHT, 2020,

p. 230, grifo do autor). Mas diferente do primeiro Adão, que culpou sua esposa pelo pecado, “Jesus assumiu a culpa por ela e permaneceu em silêncio até a ressurreição, fazendo com que ela se tornasse ossos dos seus ossos e carne da sua carne”. (PAZETO, 2021, p. 11). Em sua ressurreição abriu a prerrogativa escatológica inserindo a Igreja em categorias que a linguagem humana é insuficiente para expressar.

Nesta obra, a igreja tornou-se corpo de Jesus (Cf. Ef 5. 30), na diversidade dos seus membros (Cf. Rm 12. 4; 1Cor 12. 12). Esta ação tornou-se possível no compartilhamento do “Sopro” divino; depois de render o Espírito e ressuscitar, Jesus aparece aos discípulos em João 20.22 e sopra o *pneuma*; do mesmo modo que no texto de Gênesis, Deus insuflou a *Ruah*. A Esposa de Jesus recebe o Sopro divino através da obra realizada nEle.

Posteriormente, os discípulos reunidos dão testemunho do enchimento do mesmo Espírito em Atos. “O Espírito “enche” de graça divina” os corações que Ele mesmo, e não um outro espírito qualquer criou”. (CANTALAMESSA, 2014, p. 84). Esta graça compartilhada é para Sua amada testemunhar da obra amorosa realizada pelo Esposo que ama fielmente e no ápice do amor, vai à cruz.

3.1.8 Uma só carne: A unidade da Igreja

A analogia da Igreja como esposa tem sobre a metáfora Igreja, corpo de Cristo, “a vantagem de afastar o mais leve resquício de panteísmo, porquanto esposo e esposa, por definição mesmo, constituem duas pessoas realmente distintas”. (BARTMANN, 1962, p. 434). Por isso, ao afirmar que Cristo e a Igreja se tornam “uma só carne” dentro da analogia matrimonial, “entendemos sempre uma “pessoa mística” e não uma única pessoa física. (BARTMANN, 1962, p. 434).

Este corpo, no entanto, é um, mas possui muitos membros, e todos eles formam este único corpo (Cf. 1Cor 12.12), convidado para tornar-se “uma só carne”, numa união mística. É nesta dimensão que configuramo-nos à imagem e semelhança, reflexo do criador. Na comunhão dos membros deste corpo podemos experienciar o amor do Esposo. Esta é a possibilidade de, através da ação do Seu Espírito, inserir-se no mistério do amor trinitário: unidade na diversidade.

Aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só Espírito (Cf. 1Cor 6.17). Jesus fez de nós um só espírito, “como esposo e esposa se unem em uma só

carne” (HERNÁNDEZ, 2016, p.11). Este Espírito é o vínculo da paz, que gera unidade, criando um só Corpo, uma só esperança, uma só fé, um só batismo (Ef 4, 4), visto que há apenas um Senhor que está acima de todos, por meio de todos e em todos (Cf. Ef 4. 5). É por meio do Espírito que esta plenitude do amor “é fruto do Espírito Santo, dom esponsal de Cristo à Igreja”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 226).

Em sua oração sacerdotal, Jesus evidencia o desejo por esta plena unidade da Igreja: *“a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”* (Cf. Jo 17.21). “É o desejo do Amado: introduzir a amada na unidade da vida trinitária”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 226). E a prerrogativa desta unidade, é que na medida que nos tornarmos “uma só carne”, o mundo creia no Esposo que ama fielmente.

Antes de entregar-se na cruz e beber o pior vinho, este é o desejo que pulsa no coração de Jesus. Quando Ele tem seu momento a sós com o Pai, é isto que brota em suas palavras revelando Sua vontade: *“Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como amaste a mim”* (Cf. Jo 17. 23). A Igreja é a única esposa do Senhor, e, em sua unidade, dá testemunho do amor infinito de Deus. Na comunhão deste corpo constituído de muitos membros com diferentes funções (Cf. Rm 12.3-9), anuncia do amor do Esposo ao mundo.

3.2 Nova Jerusalém

Por fim, o livro do Apocalipse também faz referência à figura da esposa como a Nova Jerusalém. É a Jerusalém celeste, que desce do alto portando o mundo novo aguardado como promessa da história da redenção humana, cuja interpretação cristã reconhece uma identificação com a Igreja. A Jerusalém celeste só tem sentido quando relacionada com o povo de Deus: *“Eis a tenda de Deus com os homens, Ele habitará com eles; eles serão o seu povo, e ele, Deus-com-eles, será o seu Deus”* (Cf. Ap 21. 3). A partir do texto, percebe-se que o “símbolo de Jerusalém como cidade expressa comunidade, povo, humanidade”. (RICHARD, 1999, p. 271).

Esse é o destino do povo da aliança, de todos aqueles que se deixaram enamorar pelo Deus-Esposo, assumindo em fidelidade o compromisso pactual proposto. É a consumação do desígnio do Pai, pelo Filho, no Espírito que, vem configurando o povo ao longo da história para tal finalidade: encontrar-se

plenamente, de modo que, não vejam mais como um espelho e de maneira confusa, mas face a face, num conhecimento que não será mais limitado (Cf. 1 Cor 13. 12). Esse é o ápice da narrativa bíblica e a realidade esperançosa que o livro do Apocalipse quer revelar.

“É João quem primeiro usa a palavra Apocalipse como título de um livro. Apocalipse significa revelação”. (RICHARD, 1999, p. 73). O livro é um descortinar, mostrando que não há mais ocultamento, mas a plena esperança escancarada diante de todo povo, raça e língua. “O conteúdo da revelação é a realidade do céu, isto é, o mundo transcendente da presença de Deus na história”. (RICHARD, 1999, p. 73). Somos convidados a crer na veracidade da promessa aguardada por todos aqueles que encarnaram em sua vida os gestos e palavras do Cristo, que assumiram a aliança no seu modo de viver e agir.

Deste modo, ao entrar em diálogo com essa literatura, se faz necessário ter clareza que o cerne do livro não é proclamar aos quatro ventos o fim do mundo, mas revelar a esperança que deve mover as comunidades de fé em torno da verdade central: o cordeiro venceu a morte, salário do pecado, reconciliando toda ordem criada. O tempo presente, de fato, é apresentado sobre o domínio do mal, mas isso terá um fim no tempo determinado por Deus.

Essa ideia de fim, porém, não pode jamais operar no sujeito uma ficção de passividade; isso é contrário à ideia apresentada. Antes, deve produzir pela fé, a esperança no amor de Deus que suscita o coração do seu povo a viver no Espírito a aliança anunciada em toda a escritura. É o amor do Esposo que convidou e continua convidando povos de diferentes épocas e contextos, a assumir o caminho que possibilita encontrar o cume da história: Jesus Cristo. Porque tudo é dEle, por Ele e para Ele (Cf. Rm 11.36).

Para exemplificar essa realidade de encontro, como em todo o percurso que traçamos até aqui, mais uma vez, a escritura faz uso de termos que remetem a relação sponsal para apontar onde finda a narrativa amorosa iniciada no Gênesis. O Esposo narrado mostra que o desenredo não limitou o Seu agir, mas sua Esposa foi remida e comprada com o sangue do Seu Filho. O povo que diversas vezes se prostituiu, tornar-se-á virgem noiva, cumprindo a promessa que havia feio por intermédio do profeta Oseias. O Senhor “encontrou a esposa numa terra de deserto, num vazio solitário e ululante, cercou-a, cuidou dela e guardou-a com carinho, como se fosse a menina dos seus olhos”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 223).

3.2.1 “Vem! Vou mostrar-te a Esposa, a mulher do cordeiro!”.

O livro do Apocalipse apresenta duas cidades em figuras femininas: a grande prostituta (Babilônia) e a esposa do cordeiro (Nova Jerusalém). Elas são antagônicas no seu modo de agir, uma está embriaga com o vinho das suas prostituições, enquanto a outra aguarda a intervenção divina, clamando por isso no sangue dos mártires. Uma é conduzida pela besta, a outra pelo cordeiro, como comenta Richard:

Jerusalém é santa (antiidolátrica) e é a noiva e esposa do Cordeiro. Babilônia com sua idolatria corrompe os reis da terra. A Jerusalém acorrem os reis da terra trazendo o esplendor e os tesouros das nações. Babilônia embriaga-se com o sangue dos mártires e dos santos. (RICHARD, 1999, p. 271)

“A Babilônia histórica, capital do Império de Nabucodonosor, que enfrentou Jerusalém e a destruiu no ano 586, se converte em símbolo ou mito da cidade idolátrica e criminosa; a cidade grande e poderosa”. (RICHARD, 1999, p. 271). Os capítulos 17 e 18 do livro apresentam a grande prostituta que se opõe à aliança, mas introduz-se no 19 referências as núpcias do cordeiro, contrapondo a grande prostituta idolátrica. Para isso, o texto cita o seguinte fato: sua esposa está pronta. Acrescenta ainda, a felicidade de todos os que foram convidados para o banquete. Há uma alegria e gozo explícito, porque finalmente a união de Deus com os homens se tornará possível, como afirma o texto:

Aleluia! Porque o Senhor, o Deus Todo-poderoso passou a reinar! Alegremo-nos e exultemos, demos glória a Deus, porque estão para realizar-se as núpcias do cordeiro, e sua esposa já está pronta: concederam-lhe vestir-se com linho puro, resplandecente” – pois o linho representa a conduta justa dos santos. A seguir, disse-me: “Escreve: felizes aqueles que foram convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro.” E acrescentou: “Estas palavras são as verdadeiras palavras de Deus. (Cf. Ap 19. 6-9).

Na sequência, teremos os combates escatológicos do capítulo 20, e então entramos na seção do capítulo 21 que apresenta o mundo novo aguardado, na esposa que está pronta para o seu marido: “*Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, uma Jerusalém nova, pronta como uma esposa que se enfeitou para o seu marido*” (cf. Ap 21,2). O trecho coroa a nova Jerusalém como

uma esposa. Essa coroação possui relação com o povo, pois a cidade é a morada dos convidados do banquete escatológico. Mais à frente, a ideia é confirmada:

“Depois, um dos sete Anjos das sete taças cheias com as sete últimas pragas veio até mim e disse-me: “Vem! Vou mostrar-te a Esposa, a mulher do Cordeiro! ”Ele então me arrebatou em espírito sobre um grande monte, e mostrou-me a Cidade Santa, Jerusalém que descia do céu junto de Deus”. (Cf. Ap 21.9).

Prigent expõe que esse versículo permite sublinhar a correspondência antagonica entre a grande prostituta e a esposa do cordeiro. Também, que “o Ap nunca parece distinguir entre o povo de Deus da antiga e da nova aliança, senão para mostrar que este último cumpre as profecias discernidas na história do primeiro”. (PRIGENT, 1993, p. 218). Neste sentido, a Igreja tem suas raízes na história de Israel, mas é com Cristo que “volta a abundância do vinho e a alegria das bodas de Deus com seu povo (Jo 2.1-12; 15.11; Ap 19, 1ss)”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 235).

A Jerusalém celeste com o mundo novo é a última “Esposa” na bíblia. Colocada ao lado da grande prostituta, mostra porque é a esposa aprovada: por sua fidelidade à aliança e seu antagonismo à idolatria. A cidade é uma das faces dessa personagem que veio crescendo em toda narrativa, ela é fruto da relação amorosa estabelecida, imagem ápice do amor de um Deus zeloso e íntimo. Deste modo, quem recebe esse mundo novo e também o título, são todos aqueles que viveram em fidelidade a aliança, “por terem sido transformados na imagem de Deus, eles podem representar a Cidade de Deus”. (SCHILINK, 2018, p.32).

3.2.2 Novos céus e nova terra: Um Éden expandido

Os capítulos 21 e 22 abrem uma seção com visões da nova ordem cósmica expressa na cidade santa. É um mundo novo conquistado na morte de Jesus que interfere em todo o cosmo. São novos céus e nova terra (Cf. Ap. 21,1) que serão restaurados. “O desejo da restauração escatológica, levada a cabo pelo Messias, se entende como uma volta à perfeição das origens”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 13). A cruz de Cristo se torna a força do justo, e sua morte e ressurreição interferem em toda a história, possibilitando uma nova criação. “*Em resumo*: a terra e o céu são novos e Jerusalém é nova, porque neles a vida trinfa sobre a morte, a ordem sobre o

caos e a luz sobre as trevas; a compaixão triunfa sobre todo o pranto, clamor e dor, já não há mais maldição”. (RICHARD, 1999, p. 270).

Temos à nossa frente o binômio cosmo-cidade que sintetiza natureza e humanidade. “A história não se reduz à sociedade de homens e mulheres, mas inclui além disso o cosmo, a natureza. O cosmo novo e a humanidade nova são corpóreos”. (RICHARD, 1999, p. 271). Esse binômio de cosmo-cidade recebe um título, quem porta essa nova realidade é a cidade também revelada no apocalipse em termos nupciais.

Beale e Kim (2019) trabalham a ideia de novos céus e nova terra como um Éden expandido. Os autores indicam que Apocalipse 21 representa todo o cosmo e a nova criação como a morada de Deus, de modo que, se “cumpre a missão dada em Gênesis 1-2, e o progresso dessa missão pode ser acompanhado ao longo de toda a bíblia”. (BEALE; KIM, 2019, p. 9). O interessante é que essa nova criação é nupcial, “o mundo novo é na realidade identificável com a Jerusalém celeste, já que uma e mesma imagem da esposa é capaz de representar os dois de maneira satisfatória”. (PRINGENT, 1993, p. 397).

Grande parte das interpretações cristãs identificam esses capítulos finais com a Igreja. “Nos capítulos finais do Apocalipse, que descrevem a consumação final, achamos a figura da noiva que é a igreja, que aguarda seu noivo celestial, que aqui se chama o Cordeiro de Deus”. (COENEN; BROWN, 2000, p. 715). A Igreja é tida como “a Jerusalém celestial³, a igreja escatológica, que anseia como uma noiva, ao aguardar o cumprimento final da sua existência, e chama: “Vem, Senhor Jesus!” (22:17, 20)”. (COENEN; BROWN, 2000, p. 715).

Pablo Richard (1999), porém, discorda desta interpretação. Para ele é errôneo identificar a Nova Jerusalém com a Igreja, glorificada nessa nova ordem. Segundo o autor, o que temos em Ap 21-22 é o futuro da história, “a cidade transcendente, onde explicitamente se diz que não existe Santuário”. (RICHARD, 1999, p. 275-276). Acrescenta que na cidade santa, Cristo não é a pedra angular, como vemos na Igreja, mas a lamparina que ilumina toda a cidade.

O ponto central é que isso não interfere no título. Independente da interpretação acerca da identidade da cidade, o enredo bíblico se encerra com a

³ A nova Jerusalém é em primeiro lugar, uma *cidade*. No Apocalipse já não se refere à Jerusalém histórica, que fora destruída no ano 70, e que João equipara a Sodoma e ao Egito, como símbolo de Roma, porque em Jerusalém Jesus foi crucificado (11,8). (Cf. RICHARD, 1999, p. 270).

figura da Esposa. É a última referência da realidade nupcial apresentada num banquete, seguido de uma nova ordem que testifica os textos proféticos, o Cântico dos Cânticos e as referências encontradas também no NT, ditas pelo próprio Jesus ou por seus seguidores. É com essa realidade que se encerra o Apocalipse. É com o Espírito e a Esposa convidando-nos a experimentar desta nova ordem, que se conclui a revelação do texto bíblico (Cf. Ap 22.17).

A categoria matrimonial criada por Deus no Gênesis é assumida no final também por Ele. Isto é um elemento importante, porque essas realidades estão intimamente ligadas. “Não há Deus sem ser humano. Tudo aquilo que sabemos sobre Deus é através de um ser humano que o vive e o diz, e não há ser humano sem Deus; sabemos que o ser humano não se dá a vida, nem a consciência, nem o amor”. (LELOUP, 2019, p. 203). É Deus quem realiza a obra e é somente por meio dela que podemos conhecê-lo.

3.3 O Espírito e a Esposa dizem: Vem!

“A primeira mulher do Gênesis caminha de geração em geração até fazer-se, por Jesus Cristo, a nova Jerusalém, que desce do céu” como noiva adornada para seu esposo”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 12). Ao lado do Espírito chama os convidados escatológicos de todas as nações, e isto só é possível porque Cristo “derramou seu Espírito sobre a Igreja, como dom de bodas à sua Esposa”. (HERNÁNDEZ, 2016, p. 245). Juntos, o “Espírito e a Esposa dizem: ‘Vem!’ Que aquele que ouve diga também: ‘Vem!’ Que o sedento venha, e quem o deseja, receba gratuitamente água da vida” (Cf. Ap 22.17).

Na sequência do convite, atesta-se que isto é uma profecia: “A todo o que ouve as palavras da profecia deste livro” (Cf. Ap 22.18). O encerramento nupcial, o banquete conquistado no Sangue de Jesus que, lavou e redimiu Sua amada, é uma profecia. É o futuro aguardado, o Éden expandido, onde não há mais morte nem dor, pois as coisas antigas se foram (Cf. Ap 21.4). O propósito quebrado pelo pecado gerou divisão entre Deus e o homem, e entre o homem e seu semelhante, mas isto não revogou o projeto divino. Tudo foi reconciliado em Cristo, possibilitando uma nova ordem que expressa unidade e mistério de amor.

CONCLUSÃO

A Esposa na bíblia esconde um mistério glorioso capaz de apresentar uma resposta profética à unidade da Igreja. Ela não é uma figura específica, mas representa todos aqueles que se deixaram enamorar por Deus, tornando-se participantes do seu mistério de comunhão trinitária. Ela representa o povo que responde em fidelidade ao Esposo que em toda história chama Seu povo para uma profunda e íntima relação. Compreender isto, porém, leva-nos, conseqüentemente, à anunciar a vivência da unidade e a beleza da comunhão do Corpo do Amado. A Esposa [Seu povo] se tornou Seu corpo em diversidade de membros, uma só carne, numa união mística com aquele que é o cabeça [Cristo].

Em todo esse processo de diálogo amoroso, o Espírito se fez presente, configurando e preparando a Esposa na bíblia para um propósito definitivo. No Gênesis, Ele é a *Ruah*, o Sopro, o hálito do qual o homem experimentou a vida, compartilhando-o com sua correspondência. Nesta cena da revelação, vislumbra-se a ação especial que o homem foi criado: uma dimensão amorosa tão profunda, que Adão não pôde conter este Sopro apenas para si, mas compartilha-lo, tornando-se “matéria-prima” de sua esposa, na própria carne (Cf. Gn 2. 23-24). Por meio desta ação, o primeiro casal pôde experimentar a unidade dos semelhantes.

Depois, o mesmo Espírito é quem inspirou os profetas a não anunciarem uma novidade, mas apresentar a aliança em imagem matrimonial, profetizando o tempo messiânico, no qual o Esposo concluiria o Seu desígnio. Também, é o Sopro incorporado no livro de Cântico dos Cânticos que nos convida a encontrá-lo na relação dos bem-amados. Nesta comunhão dos esposos, Deus une o casal como um sacramento do Seu mistério trinitário, tornando-os uma alegoria do Seu amor.

Esta alegoria se encarna no ventre de Maria, no Esposo aguardado que concede o Espírito Santo para a Igreja que, por meio também dEle, pode preparar-se para o casamento escatológico, à medida que se deixa configurar em um só povo para Deus, “uma só carne”, “grande mistério” da unidade, que liga Jesus a Sua amada (Cf. Ef 5. 31-32), fazendo dela um corpo em diversidade de membros.

A unidade do corpo de Cristo é uma profecia que pode ser vivenciada por todos aqueles que compreenderem, através do Espírito, a profundidade deste mistério. No fim da história haverá apenas a alegria de poder experimentar plenamente o amor infinito de Cristo para sua esposa, milagre de amor e unidade,

onde “o mundo encontrará a vida”. (HERNÁNDEZ, 2016, p 226).

“O pecado que revelou a nudez do primeiro casal da escritura foi coberto, não mais com folhas de figueira, mas com vestes eternas, “tecidas” através do corpo e sangue de Jesus”. (PAZETO, 2021, p. 9). A nudez da humanidade foi coberta na cruz, testemunhando que o homem foi efetivamente criado em dimensão amorosa especial: o Esposo messiânico, também não pôde conter o *pneuma* para Si, mas tornou-se “matéria-prima” de Sua amada em Sua própria carne, transformando o arquétipo do primeiro casal da bíblia, na realidade futura que poderá ser desfrutada por todos aqueles que em esperança aguardam a esposa adornada na Nova Jerusalém.

Se do primeiro Adão se fez Eva, do último se fez a Igreja. “Se das costelas de um, uma nova criação se fez, o ser transpassado revela com que amor se fez. Eva escondida em Adão, a Igreja em Jesus, Jesus em Maria”. (PAZETO, 2021, p. 9). A história do amor divino nos mostra o caminho percorrido e a pequenez gloriosa como Deus veio ao nosso encontro, construindo uma narrativa amorosa. Fez do Seu povo uma Esposa para Si, “uma só carne” que profetiza a consumação dos séculos, na vivência da unidade. Por essa razão, anunciar a unidade é também a possibilidade de experimentar a vida e o desejo de Deus. Não fazê-la, é colocar-se fora deste corpo e não provar do amor infinito de um Deus que se entregou na carne, para ter o Seu povo em comunhão eterna.

Ao longo de todo este trabalho, chegamos a conclusão de que Deus usa sua ideia criativa para se revelar ao homem, assumindo a categoria criada por Ele mesmo. Percebemos, que a Esposa é capaz de se tornar uma resposta profética para a Igreja e representar de modo atemporal e satisfatório muitas faces: como uma mulher (Eva), uma nação (Israel), um povo de diversas raças e línguas (Igreja), uma cidade (Nova Jerusalém) que comportará toda essa realidade misteriosa. Tudo para que, diante da alegoria sponsal, possamos tentar, em pequena escala, compreender a doação de um Deus que não desiste, através de um amor inexaurível. A figura da Esposa torna-se um chamamento para todo o povo que deseja encontrar-se com o amoroso mistério divino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia

Bíblia de Jerusalém - Nova edição, revista e ampliada. 9. imp. São Paulo: Paulus, 2002.

Documentos

FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Sí'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.

Livros

AGOSTINHO. **Dos bens do matrimônio. A santa virgindade. Dos bens da viuvez**: Cartas a Proba e a Juliana. São Paulo: Paulos, 2014. (coleção patrística).

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz. **A minha Igreja**. São Paulo: Editora Cleófas, 2002.

BALTHASAR, Hans Urs Von. **Ensayos Teológicos II: Sponsa Verbi**. Madrid: Ediciones Encuentro Sa, 2001.

BARTMANN, Bernardo. **Teologia Dogmática: A Redenção, a graça e a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1962, vol. II.

BEALE, G.K; KIM, Mitchell. **Deus mora entre nós: A expansão do Éden para os confins da terra**. São paulo: Edições Loyola, 2019.

CANTALAMESSA, Raniero. **Vem, Espírito Criador: Meditações sobre o *Veni creator***. São Paulo: Editora Canção Nova, 2014.

CARSON, D.A. **O comentário de João**. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

CODINA, Victor. **Creio no Espírito Santo: Pneumatologia narrativa**. São Paulo: Paulina, 1997.

COMBLIN, José. **A Profecia na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2008

ERICKSON, Millard. **Teologia sistemática**. São Paulo: Editora vida nova, 2015.

GESCHÉ, Adolphe. **O ser humano**. São Paulo: Paulinas, 2003.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática ao alcance de todos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

HERNÁNDEZ, Emiliano Jiménez. **Cântico dos Cânticos: ressonâncias bíblicas**. São Paulo: Cultor de Livros, 2016.

JANSEN, Joseph. **Dimensões Éticas dos Profetas**. São Paulo: Loyola, 2009.

KLOPPENBURG, Boaventura. **A eclesiologia do Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1971.

LELOUP, Jean-Yves. **O Cântico dos Cânticos: a sabedoria do amor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LENTZEN-DEIS, Fritzeo. **Comentário ao Evangelho de Marcos: Modelo de nova evangelização**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2003.

LEVISON, Jack. **Inspirado: O Espírito Santo e a mente de fé**. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

LYON, Irineu de. **Demonstração da pregação apostólica**. São Paulo: Paulus, 2014- (coleção patrística).

MAGNOLFI, M. et alii. **"A revelação do mistério da Igreja Esposa"**, in: A Igreja no seu Ministério/I. São Paulo: Editora Cidade Nova, 1984.

PRIGENT, Pierre. **O Apocalipse**. São Paulo: Loyola, 1993.

RAVASI, Gianfranco. **Cântico dos Cânticos**: Pequeno comentário Bíblico. São Paulo: Paulinas, 1988.

RICHARD, Pablo. **Apocalipse**: Reconstrução da Esperança. Petrópolis: Vozes, 1999.

SCHLINK, M. Basilea. **A noiva de Jesus**: Quem são os amados eleitos de Deus? Curitiba: Canaã no Brasil, 2018.

SCHWEITZER, Albert. **A busca do Jesus histórico**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

SCHOKEL, L. Alonso; SICRE, José Luis. **Profetas I**: Isaías, Jeremias. São Paulo: Paulinas, 1988. (Coleção grande comentário bíblico).

SCOTT, R.B.Y. **Os profetas de Israel**: Nossos contemporâneos. São Paulo: Aste, 1968.

SICRE, José Luis. **A justiça social nos profetas**. São Paulo: Paulinas, 1990.

_____. **Profetismo em Israel**: O profetas, os profetas, a mensagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

WALTON, John; WRIGHT, N.T. **O mundo perdido de Adão e Eva**: o debate sobre a origem da humanidade e a leitura do Gênesis. Viçosa, MG: Ultimato, 2016.

WRIGHT, N.T. **Como Deus se tornou rei**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

_____. **Salmos**: Contextos históricos, literários e espirituais para resgatar o significado do hinário do antigo Israel. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

_____. **Simplemente Jesus**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

Dicionário

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs). **Dicionário internacional de teologia do novo testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

HARRIS, R. Laird (org) ; ARCHER, JR, Gleason L; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

Revistas

PAZETO, Mayara Amaral. A Esposa: Um complô de mulheres para salvar vidas. **Revista de estudos bíblicos Nishma**. São Paulo, n. 5, p. 5-12, junho/julho, 2021.

Sites

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Familiaris Consortio**: sobre a função da família cristã no mundo de hoje. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortationa/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.htm. Acesso em: 2 de abril de 2023.